

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS, COMUNICAÇÃO E ARTES – ICHCA
CURSO DE HISTÓRIA

RAFHAELLY MARIA DOS SANTOS SILVA

**ANTIGA VILA DE SÃO PEDRO, O PONTAL DA BARRA, ALÉM DO
ARTESANATO FILÉ, É UM LUGAR DE RESISTÊNCIA E IDENTIDADE**

Maceió
2021

RAFHAELLY MARIA DOS SANTOS SILVA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes (ICHCA), da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em História.

Orientação do Prof. José Roberto Santos Lima

Maceió
2021

**Catálogo na fonte Universidade
Federal de Alagoas Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico**

Bibliotecário: Marcelino de Carvalho Freitas Neto – CRB-

S586a Silva, Rafkaelly Maria dos Santos.
Antiga Vila de São Pedro, o Pontal da Barra, além do artesanato
filé, é um lugar de resistência e identidade / Rafkaelly Maria dos
Santos Silva. – 2021.

71 f. : il.

Orientador: José Roberto Santos Lima.

Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em História :
bacharelado)

– Universidade Federal de Alagoas. Instituto de
Ciências Humanas, Comunicação e Artes. Maceió,
2021.

Bibliografia: f. 56-58.

Anexos: f. 59-71.

4 – 1767



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS, COMUNICAÇÃO E ARTES
CURSO DE HISTÓRIA

ATA DE REGISTRO DE APRESENTAÇÃO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE
CURSO (TCC) À BANCA EXAMINADORA DO CURSO DE HISTÓRIA

Aos 04 dias do mês de JUNHO de 2021, foi instalada a Banca Examinadora do trabalho de conclusão de curso (TCC) de História do Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes (ICHCA), às 1400h na sala _____ desta IES, a que se submeteu o(a) graduando(a) RAFAELLY MARIA DOS SANTOS SILVA

do curso de Bacharelado em História tendo como título o trabalho:
"A "AVIÇA VILA DE SÃO PEDRO, O PONTE DA BARRA, ALÉM DO ARRELAUADO DO FIELE É UM LUGAR DE RESISTÊNCIA E IDENTIDADE"

como requisito para integralização curricular e obtenção do Diploma de Graduação após a Colação de Grau, tendo como Banca Examinadora os(as) professores (as):
Presidente(a)-Orientador(a) JOSÉ ROBERTO SANTOS LIMA (UFAL), 2º membro JOSÉ ROBERTO GOMES DA SILVA, e 3º membro OSÉAS BATISTA FIGUEIRA JUNIOR referendado pelo colegiado do curso de História. Analisando a apresentação do trabalho pelos membros da banca examinadora, foi atribuída a nota 9,0 o que resultou na APROVAÇÃO do trabalho. E, para contar, eu, presidente da banca, lavrei a presente ata que será assinada por mim e pelos membros da Banca Examinadora. Maceió/Alagoas, _____/_____/_____.

1º Membro: Presidente(a) Orientador(a):

2º Membro:

3º Membro:

José Roberto Santos Lima
Oséas Batista Figueira Junior

Dedico esta monografia a meus Pais, pelo exemplo de coragem e simplicidade em suas metas, e com muito carinho me ensinou o caminho da justiça, que foi a principal fonte para as minhas inspirações e a toda a minha família juntamente os meus colegas de curso que contribuíram para o meu crescimento e aprendizagem.

A Teka, in memoria e a todos os entrevistados

AGRADECIMENTOS:

Agradeço a Deus, que me deu saúde e forças para superar todos os momentos difíceis ao longo da minha graduação, que não me desamparou em momento algum nas horas de dificuldades até esse presente momento.

Quero agradecer aos meus Pais Ana e Roberto que sempre me apoiaram e nos momentos mais angustiantes estiveram do meu lado, que aos longos desses anos me incentivaram a não desistir, sem eles esse sonho não seria possível, minha mãe por aguentar meus estresses em épocas de provas que pareciam intermináveis.

Quero agradecer as minhas irmãs Roberta e Renata que sempre tiveram comigo, me apoiaram e acreditaram em mim.

A minha Madrinha Quitéria que tenho como uma Mãe, que sempre me apoiou nos meus estudos, em todos os momentos esteve comigo.

A minha avó, Das dores que já não está mais entre nós, porém sempre teve papel fundamental em minha vida e sempre me disse que eu conseguiria realizar os meus sonhos, ao meu Avô Francisco pelo apoiar nessa jornada também.

A minha melhor amiga Juliene Andrade por sempre estar comigo em todos os momentos nessa luta, por sempre me motivar a não desistir nessa jornada. Agradeço aos meus amigos de curso que sempre me ajudaram nos momentos difíceis, momentos esses que foram muitos, amigos esses em especial a Cintia Delfino, Ticiane Kessia, Danyelle Mayara, Ione Cassiano, Taciara Cordeiro, Danilo Brasil, e por último dois amigos que levarei pro resto da vida comigo, Paulo Henrique e Ennia Carolina, esses que foram essenciais na minha formação, em todos os momentos estiveram comigo, palavras alguma vai expressar todo meu agradecimento a ambos.

Não poderia deixar de homenagear ao meu querido mestre que me orientou nesse trabalho maravilhoso, meu grande Professor Robertinho que com sua delicadeza e sabedoria me mostrou e me guiou de uma forma onde tudo se tornou menos difícil, me indicando livros e tirando todas as minhas dúvidas, onde sempre esteve pronto a me

ajudar. Agradeço a todos que me ajudaram e participaram nessa pesquisa, grata a todos por fazerem parte dessa História que nem o tempo conseguirá apagar.

"Nunca deixe de sonhar"

KL B

RESUMO

O presente trabalho, é um estudo historiográfico sobre o Pontal da Barra, bairro histórico da cidade de Maceió, conhecido pelo artesanato e a pesca, com enfoque para a figura da mulher no contexto do artesanato, fazendo uma trajetória da conduta educacional e profissional da mulher perante as exigências sociais, e como o trabalho fora do lar, foi um mecanismo de emancipação, correspondendo com a modernidade. Traz à tona questionamentos como a sobrevivência da comunidade, diante da pandemia do Covid-19 e como está sendo a dinâmica para a vendas dos produtos artesanais.

Palavra-chave: Pontal da Barra; Mulher; Artesanato.

ABSTRACT

The present work is a historiographical study about Pontal da Barra, a historic neighborhood in the city of Maceió, known for crafts and fishing, focusing on the figure of women in the context of crafts, making a trajectory of the educational and professional conduct of women in the face of social demands, and like working outside the home, it was a mechanism of emancipation, corresponding to modernity. It brings up questions about how the community survives in the face of the Covid-19 pandemic and how the sales dynamics of artisanal products are being.

Keyword: Pontal da Barra; Women; Craftsmanship.

LISTA DE ILUSTRAÇÃO

Imagem 1: Igreja de São Sebastião.....	-15
Imagem 2: Igreja de São Sebastião.....	16
Imagem 3: Avenida Assis Chateaubriand-----	17
Imagem 4: Mapa de Localização do Pontal da Barra-----	20
Imagem 5: Escola Municipal Silvestre Péricles -----	25
Imagem 6: Projeto da Escolinha de Futebol-----	2-6
Imagem 7: Fandango do Pontal da Barra-----	27
Imagem 8: Filé.....	31
Imagem 9: Loja no Pontal da Barra.....	32
Imagem 10: Colônia de pescadores.....	38
Imagem 11: Teka, rendeira.....	39
Imagem 12: Mãe e filha costurando.....	43
Imagem 13: Criança bordando.....	43
Imagem 14: Loja do Pontal da Barra.....	46
Imagem 16: Loja do Pontal da Barra.....	47
Imagem 17: Redes sociais das lojas do Pontal da Barra	47
Imagem 18: Redes sociais das lojas do Pontal da Barra -----	48
Imagem 19: Rendeira, fazendo Filé.....	51
Imagem 19: Rendeira.....	52

SUMARIO:

1.INTRODUÇÃO	11
2. A ORIGEM HISTÓRICA DO PONTAL DA BARRA	14
2,1-Localização e Características Físicas	20
2.2- Características econômicas e sociais	22
3. A ORIGEM HISTÓRICA DO ARTESANATO	27
3.1- A origem do artesanato no Pontal da Barra	30
3.2- A importância do artesanato para a comunidade do Pontal da Barra --	33
3.3- Economia.....	36
3.4- Turismo	37
4. AS MULHERES E O ARTESANATO	40
4.1 A situação atual do artesanato.....	45
4.2- Entrevista com as artesãs.....	48
5. CONCLUSÃO	54
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	56
ANEXOS	59

1.INTRODUÇÃO

“Teka, rendeira; Eliane, praieira / Vamos pra Paripueira (4x) /
Vai ter sururu, vai ter sururu / E o Maré fica na beira da Lagoa
de Mundaú...”

(Música de Martinho da Vila, Teka é uma das rendeiras do Pontal, o trecho que ele se refere a Lagoa Mundaú, está fazendo menção ao Pontal da Barra)

A minha ingressão no curso, me fez rever inúmeros conceitos, complementar alguns e eliminar outros, em uma constante desconstrução do ser histórico inserido no espaço da sociedade. Até, então imaginava ser uma tarefa impossível fazer História pensando nos personagens periféricos e trazendo à tona o discurso dos grandes heróis, aprendi com a Escola dos Analles¹, que o discurso histórico pode ser relido por uma História vista de baixo. Também trago algo novo para mim, que é trabalhar cultura e o seu papel inserido em um contexto de turismo e urbanização.

As análises feitas nesse trabalho me faz problematizar e ter um certo distanciamento do meu objeto de estudo, sempre tendo cuidado para não virar uma história sentimental, pois a minha infância e adolescência, eu morei no Pontal da Barra e a minha avó materna era artesã no local. Então, tomei muito cuidado com as questões as quais levantei no trabalho, para ser realmente um conhecimento científico, uma ciência.

A ideia do TCC, ser esse tema veio também pelo viés da exaltação, até como um reconhecimento de um local, que sempre achei que teve pouco prestígio, por parte do Estado. Acredito que também falta, ao meu olhar, de políticas públicas. Incluo nessa análise também a comunidade maceioense, em que muitos ainda não conhece o mercado

¹ Surgiu no século XX, em torno do período Frances Analles, que tinha o intuito de incorporar elementos das Ciências Sociais, na História, seus fundadores foram Lucien Febvre e Marc Bloch, em 1929. Veio para contrapor a História positivista. A terceira geração foi conduzida por Jacques Le Goff, e ficou conhecida como Nova História. E se suma importância porque com a Escola dos Analles foi ampliando um leque de possibilidades de estudos sobre a História, privilegiando métodos interdisciplinates.

artesanal do Pontal da Barra, sendo que esse já teve enorme visibilidade no mercado internacional.

Trago nesse trabalho um registro, do potencial das nossas artesãs e a seriedade do trabalho manual, sua importância e seu desenvolvimento para a economia local. Específico a dinâmica das funções familiares e como o artesanato consegue proporcionar o sustento para as famílias, proporcionando de alguma maneira ascensão social.

Primeiramente, tento localizar o leitor o lugar de fala, e o contexto social, político e econômico que está inserido o Pontal da Barra. Só, assim pode se decifrar melhor, cada representação do ambiente e do papel das artesãs. Trabalho aqui, a questão de gênero, e o desenrolar da mulher nesse papel, enfatizando a perspectiva econômica, ao qual muitas se tornam a cabeça da seio familiar, devido a renda financeira, que é adquirida, com a venda das peças.

Nas entrevistas, tento não só resgatar o imaginário das situações vivenciadas pelas artesãs que fazem parte da associação do Pontal da Barra, mas tento trazer a memória particularidades que fazem refletir a dinâmica do local, de maneira crítica. E como o desenvolvimento do local em torno do artesanato, mudou de fato, nas relações familiares e na dinâmica desse espaço, e formação cultural e social as famílias, que habitam no Pontal.

O artesanato no contexto do meu trabalho, vem como instrumento motivador, que gera situações que promovem um bem estar dos trabalhadores, e também é um personagem no desenrolar do texto, onde atribuo características que o difere de apenas um meio causador, isso porque, o seu papel é a vida motriz da comunidade. O artesanato, no quesito cultural, é o centro das ações, onde o cotidiano perpassa sobre o teiar das artesãos, de uma maneira simples, que causa encanto, também provoca o turista, o visitante, o curioso e o estudioso a pensar as relações que perpassa nesse ambiente.

O primeiro capítulo tento fazer um respaldo histórico sobre o Pontal, trazendo em minha linha de pensamento, a História de Alagoas, e a sua origem, na relação de trabalho, principalmente, a pesca. Basicamente esse primeiro capítulo é uma análise do espaço, onde está localizado o meu objeto de estudo. Deste o espaço físico aos meios de sobrevivência e sociabilidade, como transporte e educação.

O segundo capítulo, trabalho o artesanato pelo viés feminino, deste o surgimento no Pontal, até o reconhecimento internacional, tento problematizar nesse capítulo, como o trabalho da pesca, deu subsidio para o artesanato, onde as esposas de pescadores, utiliza as redes da pesca, para realizar os seus primeiros trabalhos manuais, e a dimensão de todo esse trabalho.

O terceiro capítulo, se fez necessário, utilizar a veia investigativa da História, não apenas na pesquisa em arquivos, mas na História oral, onde faço entrevistas com as artesãs e mentores de projetos sociais no local, para maior entendimento do meu tema, de maneira que uso uma base teórica, para dá suporte as falas dos entrevistados, buscando fazer esse link, entre leitura e dialogo. Trago à tona a situação atual das artesãs e o andamento político da Associação das artesãs do Pontal da Barra, para entender todo o processo deste o surgimento, até o momento que se encontram atualmente.

2- A ORIGEM HISTÓRICA DO PONTAL DA BARRA

Há registros de 1792, pelo vigário José Manoel Cabral, na Caderneta de desobriga, de Santa Luzia do Norte, onde é relatado 30 edificações. No site, História de Alagoas, encontro um relato sobre os primeiros habitantes da Vila do Pontal da Barra, em que o autor transcreve a citação do dicionário de Pedro Paulino da Fonseca, 1880:

No Dicionário histórico, geográfico, biográfico, herográfico e industrial da Província de Alagoas de Pedro Paulino da Fonseca, datado de 1880, informa que “os primeiros moradores e possuidores das terras compreendidas do Trapiche da Barra até o Pontal ou Barra da Lagoa (foram) José do Egípto de Jesus, Reginaldo Corrêa de Mello, Bernardo Marinho de Oliveira, D. Rosa de Tal e D. Theodora Maria de Tal”. Esses proprietários moravam no Trapiche e há anotações sobre as suas existências no “Rol dos Confessados” de 1796.²

A origem do povoamento e as datas, é algo ainda hoje cheio de controvérsias, alguns relatos afirma que o povoado surgiu com um grupo de camponeses, que vieram fixar território no Pontal, outros dizem que tem raízes indígenas, presença holandesa, Francesa, e até ciganos, devido a hipótese que surgiu com os indígenas, durante um bom tempo, o portal era chamado como Terra de índio ou aldeia de índio³.

A presença holandesa na região do Pontal, tem alguns indícios bem perceptíveis, até hoje. Trago uma análise dessa presença no trabalho de Rita Codá, publicado em 2015:

Que houve uns tipos altos. Longilíneos, louros e de olhos azuis, naquela região, todos os pontalenses antigos sabem disso. E aí entra o Nicolau, que foi dono de uma ou mais ilhas da Mundaú. Achei muito interessante esse relato da minha mãe e, posteriormente, da Dilma Oliveira. Mas ainda porque vi em Volendam, na Holanda, ano passado, pessoas vendendo umas bolinhas de massa regadas com um açúcar muito fino e azeite, que me lembraram os nossos hoje inexistentes filhoses⁴.

A História que ganha mais destaque na fala dos moradores, é o Pontal da Barra que se originou da Prainha, com casas de taipas e alguns pescadores. Com entusiasmo, algumas rendeiras e moradores, relatam a sua origem fazendo menção a prainha. Os moradores saberem da sua origem no Pontal, remete a questões indenitárias, que há uma

² <https://www.historiadealagoas.com.br/pontal-da-barra-a-antiga-vila-de-sao-pedro.html> Acesso: 10.08.2020

³ NUNES, Soraia Maria da Silva. O pescador do Pontal da barra. 1999 (p.17)

⁴ CODÁ. Rita. Pontal da Barra. Nossa terra e nossa gente. H.P Comunicação Editora. Rio de Janeiro. 2015. (p.16)

complexa rede de relações e subtemas que se comunicam de maneira, as vezes superficiais e outras, mais profundas.

Em 1871, Tomas Espindola informa que há 50 barracos, coberto de palhas, onde abriga pobres pescadores. Já em 1981, o *Almanak do Estado de Alagoas* fez um registro de 100 habitações, nesse mesmo período é surgiu a primeira Capela, chamada São Sebastião.

Imagem 01: Igreja de São Sebastião



Fonte: Internet, disponível no site: <http://www.viagensemfoco.com/turistando-em-maceio-bairro-pontal-da-barra/> Acesso: 19.08.2019

A estética da Igreja, passou por algumas modificações no âmbito de estrutural, ao longo do tempo. Mas, o que merece consideração para a análise, é a existência de um templo, em um lugar consideravelmente pequeno, e a localização da mesma está no centro, além de um quesito estratégico, simboliza poder, hierarquia e tradicionalismo.

A capela de São Sebastião foi construída em 1876, e concluída em 1880, no lugar dela, existia uma outra. É notório como a religião tem um espaço determinante na vida do povo da vila, em que a Festa do seu padroeiro é comemorado até hoje, no mês de Janeiro. A questão pedagógica fica por conta da Professora Maria Ambrosina de Moura, em 1883. O barão de Traipu, que era governador de Alagoas, em 1896, delegou para o local um comissário de polícia, tornando assim, a primeira autoridade policial do distrito, era o cabo Leopoldo Octavio.

Em 26 de Janeiro de 1982, enquanto se comemorava a festividade do padroeiro, onde um incêndio, que destruiu 6 casas, coincidentemente, 5 anos após, houve de novo outro incêndio, chegando a destruir 12 casas, a diferença agora era que o pontal já tinha

uma população nesse ano de 600 pessoas. Esses acontecimentos eram noticiados nos jornais locais.

Imagem 02: Igreja de São Sebastião



Igreja São Sebastião, no Pontal da Barra. Acervo pessoal da autora

Craveiro Costa, em 1905 faz um relato de alguns estaleiros no Pontal, no Dicionário Chorographico do Estado de Alagoas. A medida que a população ia crescendo, era evidente o avanço de conflitos, trago um fato noticiado no Jornal em Recife, ao qual me chamou atenção, para o papel da mulher nos conflitos no local:

O Jornal de Recife de 3 de junho de 1914 noticia que houve um conflito no distrito com mortes. “No arrabalde Pontal da Barra, em Maceió, vários soldados da polícia promoveram um grande conflito com os moradores do local, resultando em várias mortes e ferimentos. Na madrugada de hoje uma força sitiou o Pontal da Barra, fazendo descargas contra os respectivos habitantes, que alarmados se atiraram

ao mar, parecendo alguns afogados. No Pontal ficaram apenas mulheres e crianças, tendo fugido todos os homens”⁵.

Se o fato ocorreu, como descreve o Jornal, fazendo uma análise nessa notícia, pode se falar que deste 1914, as mulheres já havia se posicionado a frente da situação, como é relatado que só ficaram as mulheres e as crianças, pode se pensar, a maneira que elas conseguiram sobressair para custear a família. Mas em 1927, há relatos da primeira construção de Colônia de Pescadores do Pontal da Barra, em 1929 foi erguido uma estrada para facilitar o acesso. Mas apenas em 1954, no governo de Arnon de Mello, que chega a rede elétrica no Pontal, nesse mesmo período foi construído a Escola de Aprendizes de Marinheiros e o Ambulatório.

A civilização moderna chega ao Pontal aos poucos, pelas mãos dos governantes locais, sejam eles governadores ou prefeitos. A instalação da Salgema em 1970, no local, transformou a área de risco permanentemente.

Imagem 03: Avenida Assis Chateaubriand



Duplicação da Avenida Assis Chateaubriand, principal acesso ao Pontal da Barra, em 1981 Fonte: <https://www.historiadealagoas.com.br/pontal-da-barra-a-antiga-vila-de-sao-pedro.html> Acesso: 22.05.2019

As políticas do estado tem deste o século XVIII, na França, um viés de preservação dos monumentos históricos e artísticos, tão visão é usada até os dias de hoje. Após a segunda Guerra Mundial foi criado a UNESCO, com o intuito de defender os bens culturais considerados patrimônio do Estado. A adesão da sociedade nessa

⁵ <https://www.historiadealagoas.com.br/pontal-da-barra-a-antiga-vila-de-sao-pedro.html> Acesso: 05.04.2020

conscientização de bens culturais e monumentos históricos é um campo bastante delicado, por tentar inserir a comunidade nessa vivência. Segundo Cecília Londres, no texto O Patrimônio Histórico na sociedade Contemporânea:

No entanto, não é difícil demonstrar que o tema da preservação do patrimônio histórico não é de interesse restrito às classes mais favorecidas ou intelectualizadas das sociedades, nem tem como efeito a mera proteção de determinados bens culturais de excepcional valor(p.160)⁶

A relação da sociedade com seu patrimônio histórico deve constante interação, de modo a propiciar experiências ricas e transformadoras. Esse objetivo é muito mais difícil de ser alcançado em um país desigual como o Brasil, onde as carências por bens materiais e simbólicos é imensa, o que leva a distorções graves na relação dos cidadãos com a coisa pública. (p.171)⁷

A importância de preservar a História do Pontal da Barra, se esbarra na dinâmica dos moradores, para os mesmos se faz necessário estabelecer um processo de identificação, a partir que o sujeito se sente pertencente ao espaço e formador de cultura, tendo conhecimento do papel social que exerce. Cada lugar possui suas peculiaridades, e o Pontal tem características próprias, é preciso trabalhar tais aspectos:

A descrição deste ambiente urbano, aqui tratado como bairro, suscita uma análise profunda da história e do espaço social, para assim compreendê-la como um universo múltiplo de modos, usos, cenários e sentimentos. Essas características fazem parte da construção cultural e, sobretudo, social presente no espaço vivido, sentido e praticado. É neste espaço de formas, cotidiano e costumes que a construção do lugar conecta a dimensão política, econômica e social ao sentimento de pertencer implícitos em seus habitantes, tornando - os Estes elementos estão baseados nas referências sociais e simbólicas impregnadas nos modos de saber e fazer, nos encontros, nos sonhos, nas festas, no cotidiano, no sentar na calçada, no conversar com o vizinho, enfim nos modos de viver e se relacionar, peças essenciais para a formação do lugar único e dotado de traços próprios e característicos, pois como enfatizou Yáziği (2001), “cada lugar possui uma “personalidade”, sendo esta composta de múltiplas identidades humanas e do mundo natural”.

Maceió ainda como capital da Província, ou mesmo antes, ainda como vila, o Pontal da Barra já existia. Continua preservando aquela imagem de cidade do interior, ora penso, que deve ser a arquitetura das casas e das ruas, estreitas ou até mesmo o jeito do

⁶ http://www.casaruibarbosa.gov.br/escritos/numero01/FCRB_Escritos_1_7_Cecilia_Londres.pdf Acesso: 10.07.2020

cotidiano, deste o artesanato até a pesca. É um bairro habitado por pescadores que retiravam da lagoa e do mar o sustento da família. A única rua, estreita e ocupadas por artesãos, pescadores bares e restaurantes. As estreitas ruas tem aquele ar romântico de pessoas nas calçadas, conversando, parece um ambiente que ficou resguardado da civilização e modernidade. A fé católica é bem visível na adoração ao padroeiro do bairro: São Sebastião, que é celebrado em janeiro, ao qual provoca uma grande movimentação no bairro, a população se reúne para a festa, que tem novenário e procissão. Tem também igrejas evangélicas.

A cidade de Maceió e ainda capital de Alagoas, tem a sua origem relacionada com a teoria que tenta explicar a sua existência. A sua origem vem do banguê. A comprovação do engenho de Maceió, foram feitas das quatro cidades históricas de Alagoas; Penedo, do Rio São Francisco; Porto Calvo, dos quatro rios, 1690-1695; Alagoas do Norte e Santa Luzia do Norte, 1608. Durante muito tempo foi vinculado como um elemento explicativo de origem de Maceió. Em 1972, o historiador Moacir Medeiro de Santana descobriu o testamento do último engenho, outro elemento contraditório foi a exportação do Porto de Jaraguá, que abre uma discussão. Outra linha de pesquisa, argumenta sobre o Porto de Jaraguá teria dado uma condição de vila. A partir da chegada de Sebastião, em 1918. Sebastião de Melo, construiu as primeiras casas de armazém do bairro e posteriormente da Capela de Nossa Senhora Mãe de todos, cujo documento e fotografia atesta a existência de uma Capela local onde existe a atual.

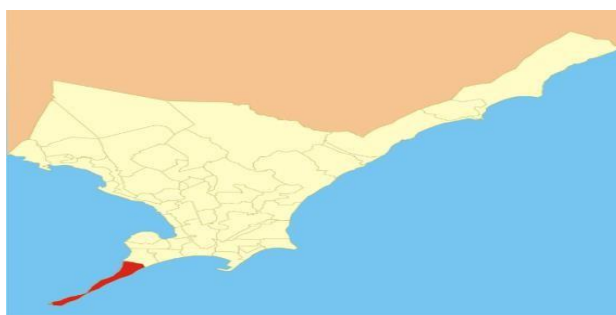
O bairro de Jaraguá ficava no Centro da cidade, nos arredores do Riacho Salgadinho, que ficava por trás do famoso Clube Fênix Alagoano, que atualmente fica em frente, a praia da Avenida. Em 1841, o engenheiro Carlos Mornay, fez um novo mapa da cidade de Maceió, mais atualizado, cuja a urbanização simplificou de 1860 a 1920, desta época, construída outros trapiches, armazém, casas e residências, Mas tarde, o próprio prédio da construção de Jaraguá, em 1923 e concluída em 1928.

As construções residenciais, casas de comércio, trapiches, igreja e outras habitações, tornou o bairro do Jaraguá, detentor de um rico patrimônio histórico e arquitetônico.

-Localização e características físicas do espaço

O bairro fica localizado entre o mar e a lagoa Mundaú. No extremo sul da Cidade de Maceió, os limites ao norte é o bairro do trapiche, ao Sul, o oceano atlântico e a Oeste, a Lagoa Mundaú. É caracterizado por dunas, devido a utilização de empresas para extração de areias, para a construção civil.

Imagem 04: Mapa de Localização do Pontal da Barra



Fonte: Site do IBGE, disponível em: <https://ibge.gov.br/>. Acesso em: 20/05/2019

A questão espacial da localização do bairro, conseqüentemente deu uma característica de cidade do interior, é comum os visitantes e turistas fazerem essa comparação do dia a dia do bairro, com a dinâmica de uma cidade interiorana. Mas não é um ponto negativo, muito pelo contrário, tal característica é um charme, que contribuir para o imaginário de uma vila, com as suas mulheres bordadeiras e os homens pescadores. Assim, sendo mais um atrativo para o turismo.

A pesca no Pontal da Barra, além de ser algo lúdico para a construção da ideia interiorana, é um fator econômico junto, com o artesanato. Os restaurantes existentes no bairro do Pontal, utiliza muito da pesca para montar o seu cardápio. A atividade pesqueira sai de uma ação apenas para a alimentação familiar, e de fato, adentra no mundo do trabalho legalizado:

A colônia integrou o pescador a sociedade, uma vez que sua imagem perante ela era de pessoas desocupadas, bêbadas, preguiçosos, não tinham valor, pescavam apenas para comer. Atualmente, o pescador sobrevive e mantém sua família. O pescador é tido como um trabalhador, ele é legalizado no Ministério do Trabalho.

O pescador possui quatro documentos básicos, classificando-os como um profissional da pesca, são eles: a carteira de trabalho, a carteira do IBAMA, a

carteira de registros da Capitania dos Portos, que é feita em Brasília, e a carteira da colônia. (NUNES, 1999, p.27)

Oficializar a profissão de pescador, dá um caráter mais digno, saindo de estereótipos sociais errôneos, que denegria a figura do homem pescador. A existência de uma documentação valida todo o papel social da função. A Colônia de pesquisadores no Pontal da Barra, foi fundada inicialmente pela Capitania dos Portos, em 21 de Setembro de 2021, cuja finalidade era fiscalizar a entrada e saída dos navios. A Colônia de Maragogi e Piaçabuçu, também surgiram em torno de capitânias.⁸

A associação dos pescadores do Pontal, vem nesse contexto, como um forte divisor de águas, não apenas quando o pescador é produtivo, mas também quando o mesmo idoso, necessita de ajuda para a sua sobrevivência, isso porque o pescador paga INSS, que dá direito a aposentadoria.

Na análise do trabalho monográfico “Os pescadores do Pontal da Barra”. De 1999, há alguns questionamentos em torno da Salgema e o ambiente da Lagoa, que proporciona entender a problemática de uma empresa de grande porte, em uma região ambiental, que sobrevive da pesca e do artesanato. Tais problemáticas:

Em relação a poluição industrial, a TRIKEN, antiga Salgema, não oferece perigo algum para a parte lagunar, atualmente, isso se dá devido a constante fiscalização dos representantes da colônia local. Segundo eles, a fábrica utiliza água da lagoa para a lavagem dos tubos, alguns questionamentos foram feitos por eles como:- Para onde vai a água que sai dos tubos? Onde a água era despejada?- As respostas não foram satisfatórias, por tal razão lutaram para o fechamento desse canal e hoje não mais funciona. Porém, com relação ao ar, a poluição é considerável, uma vez que o mal cheiro é constante, o manguezal murcha, morre ou amarela (NUNES, 1999, p,25)

A narrativa contrapõe a ideia errônea da imagem do pescador discutida anteriormente no texto, como um sujeito, como um sujeito a margem da situação e incapaz de dialogar com situações que demonstre uma vida digna em sociedade. O pescador é um sujeito ativo, que faz parte da História do Pontal da Barra e das mulheres do Pontal. Tem-se no Pontal homens que entre a pesca e o bordado, se identificaram com o bordado, nesse contexto analisa a questão do gênero e da sexualidade.

-Características econômicas e sociais

A questão econômica em torno do Bairro do Pontal, ficou por conta do comércio do artesanato, onde as famílias conseguem tirar o sustento familiar e sobreviver de maneira digna, com certeza, a situação financeira depende do movimento do turismo, e das várias maneiras de reinventar, onde uma vez ou outra, a comunidade tem auxílio de projetos do governo e até da Universidade Federal de Alagoas. Me refiro aos desfiles de moda da capital Alagoana, em que aos estilistas usam os bordados do Pontal, não só a moda, mas acessórios como, brincos e colares. Quando citei a Ufal, faço referência ao projeto de pesquisa do PAINTER- Programa de Ação interdisciplinar, no ano de 2015 e 2016, em que o professor Bruno Cavalcanti, do corpo docente do curso de Ciências Sociais coordenou tal projeto, dando uma vivacidade ao bordado do Pontal, criando subsídios, para que a cultura envolta do bairro, não caia em desuso, devido a modernidade, globalização e os meios tecnológicos.

O ambiente bucólico do bairro, provoca uma curiosidade, para as pessoas vivenciar esse espaço simples e atraente. Fato encantador, é a confecção das peças de bordado serem feitas ao ar livre, no calçadão da própria loja, onde o atelier e ponto comercial se confunde. São alguns dos diferenciais do Bairro, onde o turista consegue ter essa proximidade com a arte, conseguindo vivenciar de maneira cultural e antropológica, todo o desenrolar do bordado.

As rendeiras tem uma associação no bairro, onde existe um política em prol do cuidado e do bom funcionamento do andamento dos trabalhos. Existe também uma escolinha de futebol, idealizada por dois moradores, que sentirem a necessidade desse projeto social, para atender os filhos das rendeiras e um grupo de fandango.

O acesso se dá através da Avenida Assis Chateaubriand e pela Avenida Alípio Barbosa da Silva. Em 2017, o terminal do Pontal da Barra, passou por uma reforma A iniciativa da Superintendência Municipal de Transporte e Trânsito (SMTT) vai beneficiar os moradores que utilizam diariamente três linhas de ônibus que passam na região para se deslocar pela cidade.

A ausência de Agencia dos Correios causa um impacto pessoal, um bairro que tem uma demanda de turista, tendo o comercio como o seu principal meio econômico, não possuir os correios, porque uma agencia dos correios nesse bairro, iria auxiliar a demanda

de entrega de produtos dos moradores e até a questão da venda online, e o rendimento seria maior e teria um melhor alcance.

Em 1949, o Pontal da Barra recebe seu primeiro e único grupo Escolar, até agora, chamado Grupo Escolar Rural Silvestre Péricles, construído na Administração do prefeito João Vasconcelos. Trago as informações da placa:

GRUPO ESCOLAR RURAL

SILVESTRE PÉRICLES
CONSTRUIDO NA ADMINISTRAÇÃO DO
PREFEITO JOÃO VASCONCELOS
DIRETOR DE OBRAS, ARQUITETO
ANSELMO BOTELHO
CONSTRUTOR ENG.CIVIL
EDSON LOBÃO BARRETO
INAUGURADO EM 15-11-1949

A história da Escola se entrelaça com a História do próprio Silvestre Periclés⁹, tudo começou quando o mesmo, era candidato a governador do Estado e fazia campanha no pontal. As dificuldades para estudar antes da construção da escola, eram inúmeras:

Foi aí que Ditinha Codá e Edna Sales, então professoras da Colônia Z-2, convidadas especiais para o almoço, lembram ao candidato o tão almejado sonho da população que era ter um grupo escolar para os seus filhos, pois as crianças mal aguentavam o areal da trilha que os levava até o Trapiche da Barra, e os pais nem sempre conseguiram levar remeiros para levar suas crianças de canoa. Depois, ainda tinha o percussor de bonde até o centro de Maceió. Era preciso muita vontade de estudar, e muita obstinação, além de saúde(CODÁ, 2015,p.27)

O apoio da classe operária em Alagoas, o apoio dos setores médios da classe média urbana e de setores da oligarquia que haviam se aglutinado em torno da União Democrática Nacional –UDN- , construída na sua maioria por opositores a Getulio Vargas, e um outro grupo se formou contra a liderança de Silvestre Pericles, que havia sido eleito com um discurso populista, cuja oposição a ele culminou com o seu processo de impeachment. Silvestre Péricles foi o primeiro da História do país, no entanto, Alagoas era eminentemente rural, onde o benefício social eram poucos sentidos pelo

⁹ Foi um militar e político brasileiro, cuja família exerceu o mandato em Alagoas durante o Estado Novo. Formado em Direito pela Universidade Federal de Pernambuco e em Contabilidade pela Academia de Comércio de Porto Alegre. No Rio Grande do Sul foi Auditor de Guerra em Erechim, São Gabriel e Porto Alegre. Em seu estado natal foi redator do Diário Oficial e delegado de polícia em Maceió. Foi governador do Estado alagoano, no período de 1947 a 1951. Sendo também, senador do estado, deputado federal e Ministro do Tribunal de Contas da União.

povo, porém apenas 3,86% das casas de Alagoas, tinham água encanada e só 9,58% tinham energia elétrica, e a economia local continuava a depender do açúcar.

Entre a realização do governador de Luiz Falcão estão o primeiro plano de desenvolvimento e economia para o Estado de Alagoas. A criação da Rádio Difusora de Alagoas, depois a criação da rede de água encanada para a capital e demais regiões do Estado, criação da Ceal e a ampliação da eletricidade rural, também nesse período foi fundado o corpo de bombeiro militar e o departamento de cultura. O cenário era de desenvolvimento.

A instalação da Escola no Bairro, criou um ambiente propício a métodos educacionais, e ao desenvolvimento das crianças, dando mais conforto e auxiliando no desenvolvimento educacional e tecnológico do Bairro. Um espaço educacional, para oferecer ensino para os filhos dos pescadores e rendeiras é de um avanço, apesar das limitações eminentes, mas não se pode falar que foi um passo para os filhos dos trabalhadores ter entendimento da sua posição e auxiliar na percepção das narrativas que acontecem em volta.

Quando o grupo escolar Rural Silvestre Péricles abriu, pela , as matrículas ao público- alvo, a primeira turma do 4º ano foi oriunda de um 3º ano que tinha como professora Edna Sales (dos meninos) e Ditinha Codá (das meninas), e da qual faziam parte Dilma Oliveira, Dinalva Santos, Givaldo Codá Costa, entre outros pontalenses. A partir de então, começa uma nova era: as crianças do Pontal, em idade escolar, não precisavam ficar todas em uma única sala esperando que as professoras decidissem quem era dessa ou daquela série, ou por onde iam começar naquele dia, se pelo primeiro ou pelo segundo ano; tampouco necessitava ir a pé até o trapiche para pegar o bonde em busca de um grupo escolar no centro da cidade, Esse foi o maior passo para frente que o Pontal da Barra deu em sua já bastante longa e lenta caminhada. (CODA, 2015, p. 29)

A Escola apesar das limitações no ensino, foi um espaço de reconhecimento e de acolhimento para questões pedagógicas e psicopedagógicas, direcionadas aos filhos dos trabalhadores do Pontal da Barra. O ambiente escolar mesmo que com pouca estrutura consegue oferecer um diálogo, e a criação de uma nova perspectiva no imaginário das crianças, além do aprendizado de conhecimento técnico, que possibilita uma melhor qualidade de vida. Assim, o ensino no Pontal da Barra, entra no quesito de questões sociais, pois desenvolve na criança, desenvolvimento ético, cognitivo, afetivo, criança essa, que posteriormente poderá ser morador, estando inserida naquele contexto de vivências e memórias.

A Escola é um marco na História do bairro, formando gerações de estudantes que puderam dá começo ao processo de reconstrução da sua vida, a partir da educação regular, gratuita e permanente.

Uma Escola em uma comunidade de pescadores, desenvolve a autoestima dos moradores e também desenvolve os aspectos artísticos e culturais, sendo uma inserção social, que dá a possibilidade da criança exercer seu papel como ser histórico e social. A Criação da Escola no Pontal da Barra é um marco no bairro.

Imagem 05: Escola Municipal Silvestre Péricles



Escola Municipal Silvestre Péricles. Acervo Pessoal da autora.

A História do Pontal da Barra se confunde com a das rendeiras, mulheres essas, que com o tempo, foram ganhando espaço e técnica, transformando o Pontal, um ponto turístico. Elas souberam ressignificar os afazeres do lar, em um trabalho que promove uma maior acessão econômica e possibilitar a existência de uma autonomia valida e justa.

O artesanato é o ponto de partida para a construção do perfil da figura feminina no Pontal da Barra.

O centro de produção de artesanato do filé e demais tipos de rendas, que foram conquistando importante espaço no calendário turístico e gastronômico de Maceió e de Alagoas. Economia financeira que foi justa e merecida.

O Pontal da Barra, tem nos dias atuais, um projeto de Escola de Futebol, cuja fundação foi realizada por dois moradores, com o intuito de promover socialmente, os filhos das rendeiras e pescadores do Pontal. Desta Escola, já saiu um jogador para um time de grande porte de Alagoas¹¹. A Escola tem o objetivo central, o esporte. Mas, também estimular os jovens a promoção do senso crítico e o papel social, que tais crianças e adolescentes tem na sociedade. Tal projeto não recebe apoio do governo¹².

Imagem 06: Projeto da Escolinha de Futebol



Projeto da Escolinha do Pontal da Barra. Imagem do acervo pessoal da autora.

Na escolinha de Futebol, assim que é chamada pelos moradores, atendem além de meninos, meninas. A questão do gênero nesse ambiente é trabalhado de forma natural, pois a existência de uma menina, em um ambiente que durante muito tempo, foi majoritariamente masculino, não é uma problemática. É visível, que o governo e as autoridades deixam uma lacuna no quesito projeto social no Pontal da Barra, assim abre

¹¹ O jogador que foi cotado para fora foi Aldair Alagoano na Pantenor.

¹² Entrevista realizada pela autora do trabalho, no Pontal da Barra, ao idealizador do Projeto Rodrigo Wiliam dos Santos, um dos fundadores da Escolinha de Futebol, no Pontal da Barra. A entrevista está na integra nos anexos desse trabalho.

espaços para os próprios moradores criar meios que atendam os filhos dos trabalhadores. O esporte tem o seu papel educador, na formação do carácter, de personalidade e de princípios éticos, sendo importante para qualquer cidadão.

O Fandango do Pontal da Barra, é uma manifestação cultural, que tem passado por gerações, e herdado de pai para filho. O Fandango do Pontal é de grande destaque nos bairros vizinhos, pois os membros são convidados para a Festa do Padroeiro das paróquias das circunvizinhanças. Apesar da modernidade, e da falta de interesse de alguns jovens, o Fandango tem lutado para se manter. O custo das vestimentas tem sido um empecilho para a montagem do personagens, pois muitos pescadores e rendeiras, não possui renda extra que possa subsidiar a sua manutenção na dança. Outro fato de destaque, é que a Praça São Sebastião, no Pontal, recentemente foi reformada em formato de barca e um palanque, para os moradores manter a pratica do Folgado.

Imagem 07: Fandango do Pontal da Baara



Grupo de Fandango do Pontal da Barra. Fonte: <https://www.facebook.com/BordadoDoPontalDaBarra/photos/> Acesso: 10.12.2020

3. A ORIGEM HISTÓRICA DO ARTESANATO

O artesanato surgiu paralelamente com a história do homem, isso porque foi no Período Neolítico, que os primeiros homens começaram a utilizar as mãos, para criar os seus objetos e utensílios de caças. É natural da humanidade, o desenvolvimento de algo,

é inerente até os meios de sobrevivência. Os primeiros artesãos eram homens livres, que começavam a se organizar na sociedade, no século XVIII, eles iniciam as primeiras associações, chamadas de cooperações. Depois da caça, pesca e coleta, e mais tarde, agricultura, o artesanato começou a confeccionar os primeiros utensílios de cerâmica, assim como os artefatos para proteger alimentos.

O artesanato e a indústrias, são aparentemente concorrentes, como até hoje é visível essa disputa. Porém, o artesão consegue ter o seu poder de criação, justamente pela criação das peças únicas. O artesanato foi natural no processo de desenvolvimento de algo eminente ao desenvolvimento do meio de sobrevivência, onde os primeiros artesãos iniciaram as primeiras associações profissionais, fortalecendo a demanda do mercado e organização deles enquanto trabalhadores.

Apesar das divergências do conceito de artesanato e indústria. As primeiras formas de indústria no sentido da palavra da capacidade do homem em transformar uma matéria prima, seja ela em pedra, madeira ou argila, em um produto final acabado, pela ação transformadora do homem ou mulher, pelas suas mãos, com algumas poucas ferramentas. Ou teria sido acontecido uma primeira forma de industrialização, onde teria realizado um trabalho eminentemente artesanal, que antecede a Revolução industrial, onde o artesanato se completa nesse contexto.

O artesanato é a comunicação cultural de valor único para o povo, onde o artesão através do seu trabalho manual com o auxílio de ferramentas, transforma uma forma bruta a formação cultural do homem.

No Brasil, o artesanato surgiu com os índios, eles utilizavam pinturas, trabalhavam com cerâmicas e objetos de coco, sendo eles os mais antigos artesãos, é curioso porque o artesanato, por algumas pessoas atualmente, é considerado algo folclórico, com pouco valor. Assim, o artesanato está nesse contexto de coisas popular, sem ser considerado um bem de grande valor econômico.

As origens indígenas do artesanato, ganharam contribuição com a colonização portuguesa, que trouxeram bordados e rendas, contribuindo para uma herança cultural, vale ressaltar a contribuição africana também nesse processo.

O artesanato é a comunicação cultural de um povo, o artesão é o trabalho que manualmente, e com auxílio de ferramentas, transforma uma peça bruta, em algo cultural.

Não é artesão, aquele que trabalha apenas manualmente, mas seu trabalho tem que ter uma técnica, qualidade e acabamento. Temos, outra figura importante, é o mestre artesão, que é um indivíduo que conseguiu notoriedade no seu trabalho, e consegue passar o seu ofício para os demais.

Entrelaçado no conceito de artesanato, está exposto inúmeras simbologias importantes, entre elas, o belo e o útil. O escritor e Diplomata Mexicano Octavio Paz, faz uma análise:

Os objetos de artesanato pertencem a um mundo anterior à separação entre o útil e o belo. Essa separação é mais recente do que se pensa: muitas das peças que se encontram em nossos museus e coleções particulares pertenceram a esse mundo onde a beleza não era um valor isolado e autossuficiente” (...) utensílio, talismã, símbolo: a beleza era a aura do objeto, a consequência – quase sempre involuntária – da relação secreta entre sua feitura e seu sentido. A feitura: como está feita uma coisa; o sentido: para que está feita.¹³

O valor cultural que é atribuído ao artesanato, também é incluso sua identidade na peça, podendo de maneira limitada ser utilizado máquinas para o auxílio da confecções das peças. Existem um conjunto de quesitos que determina o que não é artesanato. Exemplo: O trabalho simples, realizado apenas para montar peças; lapidação de peças preciosas; Fabricação de sabonetes, perfumarias, e sais de barro, com exceção os extraídos da fauna e flora nacional; habilidades aprendidas em revista, jornais e internet, sem nenhuma identidade cultural.

É importante ressaltar que todo artesanato é um trabalho manual, mas nem todo trabalho manual é um artesanato. Geralmente, os trabalhos manuais que não são artesanatos são moldes de peças que seguem o padrão já predefinido da comercialização, que vem de uma produção assistemática, e não, de um processo criativo e afetivo.

A classificação do artesanato é definida através da sua origem e natureza, cuja definição é importante para enquadrar nos valores históricos e artesanais da obra. Entre eles tem se: Artesanato indígena, Artesanato de reciclagem, Artesanato tradicional, Artesanato de referência cultural e Artesanato Contemporâneo cultural.

O artesanato brasileiro tem uma grande variedade, podendo ser feito em biscuit, em MDV, pinturas em tecidos e crochê, fazendo parte da cultura de um povo, uma

¹³ <https://www.artesol.org.br/conteudos/visualizar/O-artesanato-o-uso-e-a-contemplacao-por-Octavio-Paz>
Acesso: 10.08.2020

releitura do artesanato em uma região consegue ser uma análise das características da sociedade naquele contexto, sendo uma parte da História dos indivíduos que convivem com aquela arte.

O artesanato brasileiro pode revelar usos, costumes e tradições, podendo ser codificado no comportamento de uma comunidade. Onde as relações pessoais podem ser direcionadas em torno de uma comunidade artesã, como é o caso do nosso objeto de estudo, em que o bairro do Pontal da Barra, em Maceió, mudou toda a dinâmica daquele ambiente, proporcionando alguns meios de sobrevivência.

3.1-A origem do artesanato no pontal

Historicamente a atividade artesanal, vem deste os primórdios da humanidade, cujo as técnicas foram sendo pouco a pouco desenvolvidas, e atingindo determinado grau de maturidade, e um acabamento cada vez maior, transformando em uma identidade cultural, repassando de pais para filho, através de várias gerações, até chegar no desafio do tempo presente, de como viver e sobreviver dependendo dessa atividade artesanal.

O bairro mantém uma típica comunidade de artesãos e artesãs, que ainda mantém fortes laços de parentesco consanguíneos para os que são lá nascido ou os que vem de fora, que também são abraçados por sua comunidade como fossem filhas dela. O pontal é um bairro muito acolhedor e o artesanato corrobora para isso.

Apesar, da ocorrência de inúmeros eventos e simbologias em torno da Vila de Pescadores, é o artesanato, que se destaca como fonte de renda, rota turística, e o seu meio de produção inicialmente se dá pela figura feminina, que começou os seus bordados na rede de pesca, para decorar as singelas residências, elaborando o filé, que internacionalmente vai ficar conhecido como Filé.

As mulheres que fazem o ofício da construção do Filé, são chamadas de filezeira, e são conhecidas no Brasil e no exterior. O bairro mantém o aspecto de uma cidade do interior de alagoas, ficando entre o mar e a lagoa. Enquanto os homens se dedicavam a pesca, as mulheres foram procurar uma fonte de renda, e nesse contexto surgiu o Filé. Essa técnica é passada de mãe para filha, e hoje é encontrada em várias vestimentas, deste chapéu, saída de praia, xales e vestidos.

O processo inicial da construção do Filé, é feita em uma grade, semelhante a rede de pescar, estudos usam a narrativa que as mulheres utilizavam a rede dos companheiros para dá início ao trabalho. Historicamente, o Filé é uma técnica das antigas civilizações, usado no Egito Antigo, com o tempo foi sendo propagado em diversos lugares, no Brasil chegou junto com a colonização, e foi adaptado a diversas técnicas. O mais intrigante é que Filé, significa rede de pesca em Francês. Hoje, o Filé é produzido não apenas em Alagoas, mas no Ceará, e outras localidades do Brasil (ALVES, 2014, p,17)

Imagem 08: Filé



Bordado Filé do Pontal da Barra. Fonte: Viagens em foco. Acesso: 10.11.2020

O bordado filé é um técnica única, sendo utilizados agulha e uma rede, que também pode ser chamada de malha, a qual serve de suporte para a fabricação da peça. A criação, como um todo é feita pelo poder da imaginação da filizeira, geralmente as linhas são coloridas, demonstrando todo um colorido para o bordado. Mas o Filé nasceu branco, com o passar do tempo, não se sabe, se foi apedido dos turistas ou sugestões, foi assumindo outras cores, para compor a peça.

Inicialmente, o filé foi confeccionado apenas por mulheres para o seu próprio uso, hoje em dia é bastante comercializado. O Filé aparece em muitas comunidades pesqueira, mas é no Pontal da Barra, que ele destaca pela sua malha que apoia o bordado, assumindo a característica de finesa, resultando no trabalho de grande beleza e leveza de seus produtos. Trata-se de um bem cultural, com um significado potencial econômico, que reúne mestres, artesãos e jovens interessados em aprender a técnica que podem vim a

garantir o sustento, por meio da valorização desse saber tradicional. Hoje, de Filé são feitas peças únicas, como : Toalhas de mesa, centro de mesa, caminho de mesa, toalha de mesa ou almofada, pano de bandeja, suporte para copo, jogo americano, jogo de banho, jogo de cama, cortinas, o famoso xalé, as capas de almofadas, saídas de banho, e a mais bonita e sofisticada das suas peças, é o vestido de noiva.

O artesanato Filé é vendido fora do Brasil por um preço elevadíssimo, enquanto as bordadeiras vendem a um preço baixo. Pode-se observar que uma blusa de Filé que geralmente é vendida em média por 70 a 80 reais no Pontal da Barra, esta mesma blusa é vendida no eixo Rio São Paulo a pouco menos de 200 reais. A dinâmica comercial, tenta encarar o trabalho artesanal como um subtrabalho, quando na verdade não é, desqualificando o trabalho do artesão. Tais intermediários, empresários criam verdadeiras fortunas no trabalho alheio. Essa relação não é apenas uma relação típica trabalhista, mas uma relação de poder abusiva a uma categoria profissional de artesão, que muitas vezes se submetem para a sobrevivência, tais relações predominam em Alagoas, mesmo em âmbito artesanal.

Imagem 09: Loja no Pontal da Barra



Loja no Pontal da Barra. Fonte: Viagens em foco. Acesso: 10.11.2020

Além do file, o Pontal da Barra, tem vários outros tipos de bordados, entre eles: Crochê, Ponto de Cruz, Ponto Russo, etc. O Filé é o bordado com maior destaque, devido ser tombado como patrimônio cultural imaterial de Alagoas, em 2014. Tal feito deu uma maior visibilidade para esse bordado especificamente.

3.2-A importância do artesanato para a comunidade:

A produção do artesanato, faz parte do desenvolvimento histórico e da evolução da humanidade. A importância da criação do artesanato no espaço social do Pontal da Barra, nos remete a questões políticas, econômicas e sociais desse ambiente cultural.

A descrição deste ambiente urbano, aqui tratado como bairro, suscita uma análise profunda da história e do espaço social, para assim compreendê-la como um universo múltiplo de modos, usos, cenários e sentimentos. Essas características fazem parte da construção cultural e, sobretudo, social presente no espaço vivido, sentido e praticado. É neste espaço de formas, cotidiano e costumes que a construção do lugar conecta a dimensão política, econômica e social ao sentimento de pertencer implícitos em seus habitantes, tornando – o único e dotado de traços próprios e característicos, pois como enfatizou Yázigi (2001), cada lugar possui uma “personalidade”, sendo esta composta de múltiplas identidades humanas e do mundo natura(GONGALVES, 2018, p.04)

O artesanato é de suma importância para a releitura das identidades humanas, além de ser uma peça de estudos, estando em exposição e museus, caracterizando como a evolução histórica de um povo. Apesar de toda mecanização e industrialização, algumas comunidades, como o Pontal da Barra, tem como seu meio de trabalho, o artesanato.

O artesanato pode ser um objeto científico, para quem deseja fazê-lo, determinadas peças de artesanatos, estão em exposição, lojas e outros estados da federação brasileira, além dos que estão em museus locais nacionais, também na casa de consumidores deste artesanato, espalhados pelo Brasil e pelo mundo, caracterizando como uma verdadeira revolução que o Filé tem realizado, como marca indenitária das Alagoas.

Apesar da sociedade de consumo de bens e serviços predominar em toda sociedade humana, o Pontal da Barra recebe suas influencias há uma prevalência dos valores desta comunidade producional, que luta pela permanência e sobrevivência do artesanato como meio de vida e de trabalho, adquirindo uma característica de resistência cultural.

O artesanato está presente, muitas vezes, nos processos terapêuticos, dando apoio e soluções para alguns males da humanidade, como depressão, stresse, ociosidade, e em casos, de acidentes pós traumáticos, auxilia na recuperação da coordenadora motora. Os médicos fisiatas, terapeutas ocupacionais e fisioterapeutas, recorrem várias vezes ao trabalho do artesanato para criar mecanismos de evolução nos pacientes.

Além, de questões de lazer, o artesanato é uma opção para os desempregados, tendo em vista, as mudanças econômicas e as oscilações que acontecem na demanda de trabalhos assalariados, nesse contexto, a figura da artesã, adentra como uma questão econômica de sobrevivência.

É fato, que as artesãs em sua maioria, não possui um grau de instrução maior, uma curso superior, muito menos de um elevado poder aquisitivo. E antes do trabalho artesanal ou paralelamente a ele, possuem outras atividades, para contribuir de maneira satisfatória na renda familiar.

Importante ressaltar da confusão de esclarecimentos da sociedade e de algumas cooperativas, que por ingenuidade ou maldade, confundem o trabalho das artesãs que fazem para a sobrevivência, sendo este um trabalho digno, e regularizado como qualquer outro, com as mulheres que tem alto poder aquisitivo, e fazem artesanatos por hobby. Outra grande diferença que merece destaque é a artesã que vende sua mão de obra versus a empresaria, que compra a sua mão de obra barata, e revender por um alto preço, no Brasil e fora do Brasil, tendo assim ferramentas para trabalhar, como um amparato de divulgação e profissionais qualificados, que divulga esse trabalho.

A marca do Filé é vendida fora do Brasil, como um artigo de luxo, e por um preço elevado, enquanto as filezeiras e bordadeiras vendem por um baixo preço, tal observação vem da análise dos produtos de filé que são importados atualmente em grande demanda, tem sua origem, em pontos comerciais, que estão no bairro da Ponta verde, bairro nobre de Maceió. O lucro maior ainda não está em posse das mulheres do Pontal.

As bordadeiras produzem e vendem para as lojas. A comercialização se dá em sua maioria em feiras, lojas, mercados públicos. Existem também as cooperativas, em que as mulheres produzem o seu material e entrega nesses locais, para ser vendidos. Um empecilho das cooperativas, é que muitas vezes, elas não são vistas com bons olhos pelas artesãs, havendo um imaginário de desvio de informações e até de verba com a venda das peças.

O contexto em torno do Artesanato no Pontal, sempre veio embasado em luta pela sobrevivência, e por condições de vida digna, e o artesanato foi, e continua sendo uma saída para a permanência dessa resistência, que passou pela evolução tecnológica e pela falta de apoio governamental.

A história do Pontal da Barra sempre se caracterizou por uma comunidade que a partir de lutas constantes com a natureza buscava sua sobrevivência. Muitas foram às intervenções e transformações, entretanto as características presentes no lugar são provenientes de uma história que, a partir de uma comunidade pesqueira e “isolada”, transformou-se num bairro de periferia urbana onde as relações simbólicas (elos afetivos, o sentimento de pertencer) existentes na comunidade ultrapassaram as mudanças que marcaram este núcleo urbano desde sua origem. (GONGALVES,2018,p.04)

Após o Tombamento como patrimônio cultural, o filé e os outros bordados do Pontal, ganharam um selo, uma etiqueta que certifica que aquela peça tem a sua originalidade. Esse reconhecimento melhorou muito a questão da informação, o respaldo turístico, e sem dúvida, o econômico. Esse questionamento era feito em 2003, antes da utilização da etiqueta:

O turista, por exemplo, que não tem conhecimento da origem do fato folclórico, não saberá comprar uma peça original do artesanato folclórico de determinado local, adquirindo assim peças do artesanato erudito. O Turista deixa de adquirir peças de artesanato originário característico daquela região por falta de informação, levando á divulgação errônea sobre a verdadeira origem de sua fonte, conseqüentemente contribuindo involuntariamente para a sua descaracterização.

É necessário que se tenha um cuidado todo especial em relação á exposição das peças. O ideal seria a separação das peças artesanais autóctones das alienígenas.

O artesanato é também um atrativo turístico, devendo-se ter toda uma preocupação em passar a verdadeira cultura local onde se produz, para evitar sua descaracterização e trazer divisas para o Estado no qual ele é produzido, proporcionando, assim, benefícios aos artesãos quanto á sua divulgação e conseqüentemente aumento de renda para o Estado. (TORRES, 2003, p. 20)

O cuidado com o artesanato, e com as peças, só afirma a sua importância para a comunidade do Pontal da Barra, e a simbologia que tais peças carrega na História das mulheres rendeiras desse local. Sabe-se das inúmeras dificuldades enfrentadas para o desenvolvimento nesse cenário. O zelo de identificação foi um grande avanço para salientar a importância do trabalho artesanal do Pontal da Barra, frente a Cultura Alagoana e Nordestina.

Só em Maceió existem quase mil “filezeiras” registradas pelo Programa do Artesanato Brasileiro - PAB. A maioria delas vive no bairro Pontal da Barra e

borda nas calçadas de suas casas enquanto conversam com outras artesãs, interagem com jovens turistas, esperam os maridos pescadores voltarem do mar, ou ensinam a técnica às suas filhas. As artesãs que fazem parte do Instituto Bordado do Filé, especificamente, contam com uma espaçosa sede com um enorme jardim onde podem produzir e comercializar suas peças. A “Casa dos Freis” cedida pela Paróquia São Pedro para o Instituto fica na Ilha de Santa Rita em Maceió. Para garantir o selo IG, as bordadeiras precisam seguir o Caderno de Instruções do Filé, que padronizou normas de produção com foco na qualidade diferenciada das peças. A inventividade, porém, ainda tem espaço em peças que inovam na combinação infinita de cores, pontos e sequências¹⁵.

É necessário proteger a dinâmica da criação das peças, para o maior êxito de tais, essa análise recai sobre a tendência das rendeiras, tentar elevar a produção, tentando competir com a indústria, tal ação acaba com a qualidade da peça.

É importante a construção de leis, que protejam o artesão, e conseqüentemente, crie essa rede protetiva na comunidade, a regulamentação dessa iniciativa contribuirá de maneira eficaz, dando um suporte jurídico para a comunidade.

Os meios de comunicação são uma grande ferramenta, tendo uma influência negativa e positiva. Pode ter o caráter negativo, no quesito de transformar as peças em modismo. Por outro lado, existe a questão da comunicação e da informação, que faz o público conhecer os locais que vão encontrados as peças, como se dá a sua construção. Mas infelizmente, os industrializados, tem ganhando muito espaço, não que isso seja ruim, mas faço referência a competitividade injusta.

3.3 Economia

Antes, a renda do Pontal da Barra, era exclusivamente da Pesca. Como tempo o número de pescadores foi reduzido, devido a poluição da lagoa. Durante muito tempo, os despejos da cidade de Maceió, era depositado na lagoa, dificultando o trabalho dos pescadores.

Vários foram os problemas dos pescadores, entre eles, a falta de drenagem da lagoa, os armadores que causam diversos problemas para os pescadores, a falta de conscientização de moradores, a pesca competitiva, o desmatamento, a movimentação

¹⁵ https://www.artesol.org.br/instituto_do_bordado_de_file_inbordal Acesso: 10.01.2021

constante dos barcos, entre outros. Diante dessas dificuldades, o artesanato, se tornou também uma renda para os moradores do Pontal:

Em 1853, quando os holandeses aportaram em Maceió, a mulher dos mesmos estiveram no Pontal da Barra e observando as mulheres tecendo rede de Tucum perceberam que esta rede em formato de tarrafa era muito parecida com a tela que elas usam na Holanda para tecer o Filé. Então começaram a mostrar para as mulheres dos pescadores como bordar na tela e daí começou a surgir o Filé. Atraves desse bordado, os moradores passaram a negociar, vendendo seus trabalhos, passando assim o filé a compor a renda financeira daquela comunidade (LIGIA: 2003)

Se antes, a renda da família era exclusivamente do homem/ pescador, depois do Filé, se tornou também da Mulher/rendeira. Houve realmente, um avanço significativo, ainda que precoce, no quesito gênero e trabalho. O Homem, esteve presente sempre nesse processo de confecção, na rede da pesca, está a figura masculina. Hoje, alguns homens confecciona o Filé e são proprietários de lojas de artesanato.

A economia do Pontal da Barra, se reinventou nesse sentido. Mas muitos jovens saem do bairro, que é consideravelmente afastado de Maceió, para viver em outros bairros, ou até mesmo em outras capitais, em busca de condições melhores de vida.

Os diversos Bordados e o Filé, continua sendo a atração principal, mas outros trabalhos de palha de Ouricuri, madeira, corda, cabaça, casco de marisco, também fazem parte da economia do Pontal. Essas trabalhos também ganham uma notoriedade nacional e internacional

3.4- Turismo

O Pontal da Barra, constitui um Polo Cultural, pouco explorado. A presença turística de suma importância, para o desenvolvimento cultural e econômico do Bairro, poderia ser explorado de maneira mais efetiva. Os turistas são os mentores, que levam o trabalho para várias localidades do Brasil e do mundo.

Percebe-se uma falta de estrutura da prefeitura de Maceió, como o incentivo de hotéis, restaurantes, e uma rede especializada de acolhimento, que possa atender o turista, para que o mesmo se fixe no Bairro, podendo usufruir de toda rede cultural, além de bordados, os folguedos e a culinária.

A Rua da Rendeiras, como é conhecida e carinhosamente chamada, tem um estereotipo de um vilarejo português. O pôr do sol da lagoa, também é um adereço que se enquadra nesse perfil de turismo cultural. Onde é trabalhado peculiaridades da comunidade.

A casa da colônia dos pescadores, é um prédio antigo, que a sua arquitetura carrega a História dos moradores do Pontal da Barra. A balança existente lá, ainda tem a sua finalidade, e todos os eventos e festividades do Bairro, é realizado nesse prédio, onde é uma espécie de clube, recentemente os velórios dos pescadores, estão sendo realizados nesse espaço. A necessidade de explorar esse espaço, com um memorial dos pescadores, fazendo um resgate na sua História, seria uma ação digna.

Imagem 10: Colônia de pescadores



Colônia de pescadores no Pontal da Barra, Fonte: Acervo pessoal.

Tal questionamento, traz não apenas o bordado, como mecanismo turístico, mas problematiza outros aspectos também, que engloba o bairro do Pontal, com inúmeras possibilidades de serem trabalhados, resgatando a memória do povo e suas vertentes de identidade e cultura, no aspecto político, filosófico, social e antropológico.

Há um aspecto em comum a várias localidades do litoral de Maceió, de serem elas, comunidades de artesãos e pescadores, na sua grande maioria que englobam comunidades, como Riacho Doce, Graça Torta, Pescaria, Guaxuma, Ipioca e Pontal da Barra. A origem desse artesanato baseado na renda é geralmente portuguesa, envolvendo

o trabalho com agulhas e linhas, essas de se entrecruzarem a rede de pescar com o tear, o qual é confeccionado as obras do Filé e outro tipo de artesanato.

Imagem 11: Teka rendeira.



Fonte desconhecida

4 AS MULHERES E O ARTESANATO

A Introdução e participação da mulher no mercado de trabalho, foi tardio. Tal acontecimento histórico, foi decorrente da Revolução industrial¹⁶ e da Primeira guerra Mundial¹⁷, Até então, às mulheres era destinado a sua participação exclusivamente nos espaços domésticos, e os trabalhos que envolvia esses espaços.

Estudar a temática do trabalho feminino nos remete à obrigação de Redefinir e ressignificar tais conceitos, isso porque, a concepção de trabalho à qual temos juízo de valor, são ideias tradicionais de um trabalho formal. É necessário se dá conta de uma diversidade de labores historicamente exercidas pelo sexo feminino e não estão dentro das estatísticas.

Busca-se termos e ferramentas para dialogar com essa narrativa, vindos da teoria feminista, afirma que as mulheres sempre trabalharam. Sabe-se que o trabalho feminino tenha sido desvalorizado pelo capitalismo, que engradece as atividades que geram mais-valia e que são efetuadas em espaços públicos, assim, menospreza o espaço doméstico.

Reconhece-se que a divisão social do trabalho é marcada pelas diferenças de gênero, tal contexto que homens e mulheres executam as suas funções, não é o resultado de uma narrativa biológica, mas sim de construções sociais. O social é um fator

¹⁶ A Revolução Industrial foi o período de grande desenvolvimento tecnológico que teve início na Inglaterra a partir da segunda metade do século XVIII e que se espalhou pelo mundo, causando grandes transformações. Ela garantiu o surgimento da indústria e consolidou o processo de formação do capitalismo. O nascimento da indústria causou grandes transformações na economia mundial, assim como no estilo de vida da humanidade, uma vez que acelerou a produção de mercadorias e a exploração dos recursos da natureza. Além disso, foi responsável por grandes transformações no processo produtivo e nas relações de trabalho. A Revolução Industrial foi iniciada de maneira pioneira na Inglaterra, a partir da segunda metade do século XVIII, e atribui-se esse pioneirismo aos ingleses pelo fato de que foi lá que surgiu a primeira máquina a vapor, em 1698, construída por Thomas Newcomen e aperfeiçoada por James Watt, em 1765. O historiador Eric Hobsbawm, inclusive, acredita que a Revolução Industrial só foi iniciada de fato na década de 1780

¹⁷ A Primeira Guerra Mundial foi um marco na história da humanidade. Foi a primeira guerra do século XX e o primeiro conflito em estado de guerra total – aquele em que uma nação mobiliza todos os seus recursos para viabilizar o combate. Estendeu-se de 1914 a 1918 e foi resultado das transformações que aconteciam na Europa, as quais fizeram diferentes nações entrar em choque. O resultado da Primeira Guerra Mundial foi um trauma drástico. Uma geração de jovens cresceu traumatizada com os horrores da guerra. A frente de batalha, sobretudo a Ocidental, ficou marcada pela carnificina vivida nas trincheiras e um saldo de 10 milhões de mortos. Os desastrosos da Primeira Guerra Mundial contribuíram para que, em 1939, uma nova guerra acontecesse.

determinante para designar a capacidade de produção dos indivíduos, isso porque, tudo é resultado de representações, algumas vezes, sem nenhum conhecimento científico.

Precisamos ter em mente que o contexto em que vivem homens e mulheres não é o resultado de um destino biológico, como historicamente tentou-se supor, mas sim oriundo de construções sociais. Portanto, homens e mulheres formam dois grupos sociais que estão engajados em uma relação social específica, que se concretiza nas relações sociais de sexo. Estas relações possuem uma base material, que é o trabalho, e que se revela através da divisão social do trabalho entre os sexos, denominada de divisão sexual do trabalho. (SILVA, 2015 p.251)

A análise sobre esses espaços demonstra a relação de poder, que o homem exerce sobre a figura feminina, desde os primórdios da civilização, acordo esse oriundo do patriarcalismo. É construída uma narrativa em torno da mulher que mantém um discurso ao qual a mesma necessita ficar a guarda de um homem, recai sobre diálogo, a tutela da mulher. Na infante juventude fica sobre os cuidados do pai, a figura feminina precisa de proteção, logo após o casamento da mulher, passa o bastão da tutela, para o marido. É notório o imaginário de incapacidade que foi difundido na representação do sexo feminino. Dessa forma, Kergoat (2003) conceitua divisão sexual do trabalho, e a define como sendo:

[...] a forma de divisão do trabalho social decorrente das relações sociais de sexo; essa forma é adaptada historicamente e a cada sociedade. Ela tem por características a destinação prioritária dos homens à esfera produtiva e das mulheres à esfera reprodutiva e, simultaneamente, a apreensão pelos homens das funções de forte valor social agregado (políticas, religiosas, militares etc.). (KERGOAT, 2003, p. 55-56).

A produção artesanal exercida pelas mulheres entram nesse ensejo, que seus trabalhos foram e continuam sendo historicamente menos valorizados e fora dos espaços públicos, onde tem pouco valor ou nenhum pela lógica do capital. Mas até o pouco valor que o capital oferece ao artesanato, ele tenta gerar lucro, isso leva a crê que nada perde a função de gerar lucro para o capital. Mesmo que seja em pequeno valor.

É fato que o artesanato, teve algumas exclusões, desde a sua falta de adequação a produção industrial, até o imaginário de ser uma atividade feminina, e esta característica do feminino, tem um elo ao fato de ser um trabalho doméstico.

A compreensão de que homens e mulheres pertencentes às mais diversas sociedades se dediquem a diferentes atividades tem sido entendida como inerente à diferenciação sexual. Essa compreensão tem sido relacionada com especificidades físicas, intelectuais, emocionais, de acordo com cada sexo. É, portanto, dessa maneira que as ideologias sexistas têm compreendido a relação sexo e trabalho.(SILVA,2015, p.252)

Na contemporaneidade, tem havido alguns avanços no desenvolvimento do ofício das mulheres, passando por questões econômicas e sociais. Isso porque, o trabalho feminino tem sido para muitas a consequência de uma liberdade sexual, no sentido que a família moderna, a mãe de família solteira, necessita ter uma renda, que possa garantir de maneira digna o sustento dos seus filhos. Se antes, as mulheres tinham sua dependência e tutela no seu marido. Hoje, com as informações de saúde, elas conseguem desempenhar o seu papel para além do ambiente doméstico.

A religião durante muito tempo foi mentor comportamental que controlou toda a dinâmica da vida conjugal. A mulher se via dentro de um casamento, com a obrigação de cumprir as atividades sexuais, como um ofício, e não um prazer, isso porque em contraponto, tinha do seu conjugue, a promessa da proteção. A parti do momento, que o casamento religioso, começou a ser visto como uma instituição não tão gloriosa, paralelamente a isso, as mulheres se muniram de informações a questões de saúde e métodos contraceptivos. Tal conjunto de ações gerou um dinamismo, que colocou a mulher cada vez mais à frente do mercado de trabalho.

O sexo tido como frágil, demonstrou o quanto foi errôneo essa afirmação. Com a liberdade sexual, as mulheres puderam colocar o olhar da sociedade para outros atributos, além do seu corpo, e isso causou uma mudança, ainda que insignificativa, comparada a dimensão da capacidade feminina.

A mulher vista como mãe, senhora do lar, dedicada a afazeres ligados a costura e bordados, dando espaço para a mulher que desenvolvia trabalhos intelectuais e administrativos. As mulheres na fábrica de tecidos, além de serem exploradas tanto a questões trabalhistas a questões sociais, continuavam sendo uma ramificação do trabalho do lar, isso porque as fabricas de tecido, tinha sua ligação tênue entre a máquina de costura, herdadas das suas avós e mães. Mesmo assim, o trabalho na fábrica, abriu espaço para se pensar no seu desenvolvimento em um ambiente diferente, em comunhão com outras mulheres, e em criação de novos diálogos, criando uma perspectiva além daquela que foi condicionada como família.

Imagem 12: Mãe e filha costurando



Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/266416134184380704/> Acesso; 05.10.2020

A costura, o bordar, o tear, fez parte do universo feminino. Mas há a problematização, que mulher feminina é essa. Pois, a classe feminina precisa ser dividida de maneira didática para melhor ser entendida. Sabe-se que uma máquina de costura, era um artigo, para a sua obtenção, precisava ter um custo, então, a mulher debatida no contexto até nesse instante, é a figura feminina, que tem uma condição melhor de vida.

Imagem 13 : Criança bordando



<https://br.pinterest.com/pin/2251868548075892/> Acesso: 10.05.2021

Entende-se que há diversas classificações de condutas femininas, dependendo do meio social em que a mulher vive. Uma mulher da década de 90, século XX, que procura entrar no mercado de trabalho, que tem como escolha própria não construir família, não corresponde com a vivência da mulher da favela. A garota da favela deste cedo cresce sabendo que o casamento não é o sonho de princesa e se tornar mãe solteira não é uma opção própria, é uma condição, sendo recorrente, assumir o papel de dona de casa e chefe de família de maneira paralela. Sobre questionamentos de ideologias sexistas e racistas:

Dessa forma, as mais diversas sociedades têm criado grupos sociais distintos em função do acesso ao trabalho e do tipo de atividades, tendo se explicado como divisões naturais do trabalho, portanto, imutáveis. Em função desse caráter a-histórico e inerte, as ideologias sexistas e racistas, de cunho biológico, são as que têm se mantido por maior tempo e com maior êxito na reprodução das ordens sociais. (SILVA,2015, p.252)

A educação adentra nessa realidade social de maneira que possa possibilitar oportunidades profissionais dignas e uma narrativa que tenha embasamento em uma formação que não siga estereótipos que se encaixe no perfil da mulher do lar. A análise histórica do trabalho feminino versus questões feministas, vem com o ensejo de demonstração, que o trabalho feminino de artesanato necessita sair do estereótipo de ser um passa tempo, ou algo de pouco valor social, e consiga dá uma autonomia eficiente para as mulheres que o exercem. A Educação e arte conciliada a dinâmica dessa realidade propõe um novo olhar mais técnico ao artesanato

A partir dessa perspectiva a investigação propôs, portanto, a união entre arte e educação, na figura de uma educação estética que, através da arte e seus processos, abre possibilidades para as abordagens autobiográficas e de criação coletiva aflorarem no próprio processo de produção. Dessa forma, as oficinas de artesanato e criação coletiva se constituem em espaços de troca de experiências, a partir da compreensão entre os envolvidos dos seus próprios processos de aprendizagens com a resignificação de suas práticas existenciais e profissionais. (SILVA, 2015, p.253)

A resignificação a mulher bordadeira em uma profissional, que tem técnica, conhecimento, abordagem teórica, visão de trabalho, partindo das suas experiências com o seu tabuleiro, requer cuidado nas expressões, é um processo autobiográfico, e quando se trabalha com referências pessoais e sujeito ativos, tende a ter sensibilidade nos

diálogos. Além do bordado ser uma prática profissional, é um relato de vida, que envolve Histórias de famílias, comportamentos e modos de viver.

No que se refere ao artesanato, ele permanece sendo realizado por mulheres em seus lares. Essa atividade era inclusive incentivada pela Igreja, pois se constituía numa forma pedagógica de aprendizagem dos “papéis femininos”. Inclusive muitas escolas formais tinham o aprendizado em artesanato como parte de seu currículo. Dessa forma, portanto, o domínio dos chamados “trabalhos manuais” era fundamental para o exercício da feminilidade. Assim, temos muitas gerações de mulheres formadas nessa perspectiva. Nossa pesquisa visibiliza essa realidade, pois nos depoimentos fica claro que a aprendizagem com o artesanato se deu já na infância e com mulheres mais velhas da própria família (mães, avós, tias, etc) (SILVA, 2015, p.253)

A ideia da mulher como pertencente ao lar, e uma objetivação da figura feminina, que a torna útil para embasar esse discurso de servidão, em que realça a feminilidade, de maneira que não deixa espaços para a promoção de outras funções. É uma referência de uma construção que teve séculos de vivência. A mulher, dona de casa, tem um papel emblemático na História, tendo dois eixos temáticos ao qual ela se engloba, partindo por questões de classe sociais, além do quesito racial. As mulheres da periferia versus as mulheres da burguesia, enquanto o movimento feminista surge no período da ditadura militar, com essas, oriundas de uma classe média, cujos os seus problemas era arrumar uma babá, aquelas trabalhavam fora de casa, algumas vezes sendo “as babás”, dos filhos dessas. Os movimentos e a luta do papel da mulher dentro de casa e fora dela, trazem reflexões sobre os diversos anseios e problemas que muda de contexto.

4.1- A situação atual do artesanato no pontal da barra.

As mulheres do Pontal, foram ganhando notoriedade, consequência do trabalho árduo e de incentivos governamentais e empresas privadas, em alguns momentos, com o intuito de promover uma visibilidade e algum acesso, e assim, ter lucro e que viram no Pontal, um meio de exploração de cultura e turismo. As mídias sociais, também foi outro fator de conhecimento e de encurtamento desse espaço, dando visibilidade para a região do pontal, não de maneira satisfatória.

A academia, tem divulgado alguns trabalhos, com a temática do artesanato. Mas, textos e contextos esporádicos, não encontrando um projeto único, que consiga dá suporte a toda a dinâmica do Pontal, além das rendeiras, os pescadores e os filhos deles.

A Associação de rendeiras do Pontal, cujo nome oficial é Associação dos artesãos do Pontal da Barra, Rendas/File, localiza-se no Centro Social Adalberto Vianna, Praça São Sebastião, S/N. A criação da Associação dá um caráter organizado e uma perspectiva de melhores condições de trabalho para as rendeiras.

A associação é uma maneira organizada de unificar um pensamento, deixando as questões mais claras, e sendo uma porta voz dos posicionamentos, além de ser uma indicação sobre as tomadas de decisões e de resguarda histórica da trajetória das mulheres, do artesanato e do próprio Pontal da Barra.

Há relatos de muitas rendeiras que apesar de toda a mística em torno do Bairro do Pontal, e da visibilidade das lojas, as mesmas consegue vender de maneira mais digna, os seus trabalhos nos hotéis. Os turistas continuam sendo o público alvo do seu trabalho. A falta de conhecimento ainda dos alagoanos para o Bairro do Pontal, e para as mulheres rendeiras que vivem nesse cenário, coloca elas, muitas vezes, a margem do mercado e do destaque merecido.

A pandemia do Covid-19 teve um forte impacto da economia do Pontal da Barra, devido as medidas de prevenção e afastamento social, muitas lojas não tiveram visitas e os produtos ficaram estacionados. Prejudicando o trabalho e o meio se sustento de muitas famílias, algumas lojas encontram fechadas, devido à falta de rotatividade de clientes.

Imagem 14: Loja do Pontal da Barra



Frente de Loja de artesanato no Pontal da Barra, Fonte: Acervo pessoal da autora do trabalho.

Imagem 15: Loja do Pontal da Barra



Frente de Loja de artesanato no Pontal da Barra, Fonte: Acervo pessoal da autora do trabalho

A realidade da Pandemia, causou um impacto negativo, no empreendedorismo do Pontal, em contra partida, as rendeiras e proprietárias de lojas, se reinventaram, dando início a um arsenal de lojas virtuais com entrega a domicilio, utilizando assim, de uma maneira para enfrentar a crise do Pontal da Barra. Outra inovação são as peças e a sua diversidade, uma verdadeira pluralidade, deste vestuários, como peças de casa, como: Manta para o sofá, xale colorido. No Material impresso pelo Sebrae de Alagoas, intitulado como Artesanato Alagoano, trouxe algumas peças: Manta de Sofá Casa de Noca, Manta de Sofá Neca, Xale Colorido, Kit Pontal Outono, Xale Fitnes, Kit pontal Margarida, Bolsa Nécessaire mondriam, Bolsa social fina Flor e Jogo americano rústico.

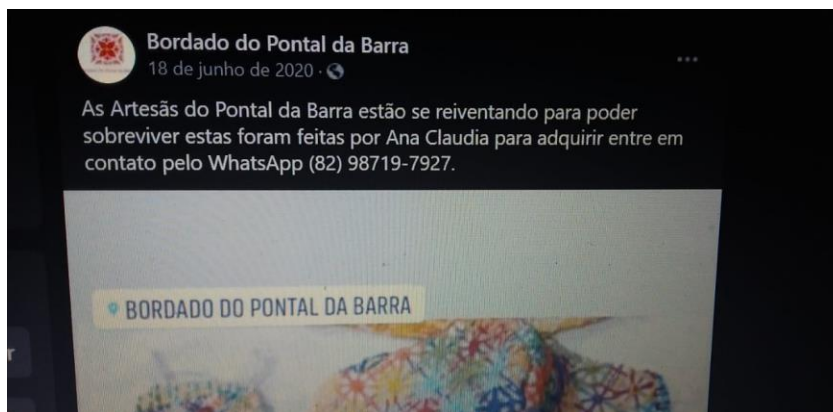
Antes da Pandemia do Covid-19, a rotina das rendeiras e a confecção das peças, se dava de maneira singela, algumas, nas portas das lojas, o ato da criação das peças, também é um entretenimento. A criação com os tabuleiros nas calçadas chama a atenção dos visitantes e turistas, que de alguma forma entende o processo da construção e a História do Pontal do Barra.

Imagem 16: Redes sociais das lojas do Pontal da Barra



Rede social das rendeiras do Pontal da Barra. Fonte: <https://www.facebook.com/BordadoDoPontalDaBarra>
Acesso: 20.02.2021

Imagem 17: Redes Sociais das lojas do Pontal da Barra



Redes sociais das rendeiras do Pontal da Barra. Fonte :
<https://www.facebook.com/BordadoDoPontalDaBarra> Acesso: 10.02.2021

Nas redes sociais as rendeiras fazem o seu apelo, para a sociedade colaborar de alguma forma e comprar as suas peças, a ideia de fazer mascaras de Filé, foi uma maneira de utilizar a pandemia, para tirar algum lucro, uma tecnica de sobrevivencia. As imagens extraídas que estão a cima, foram retiradas da pagina oficial do Bordado do Pontal da Barra, nas redes sociais.

4.2- Entrevistas com as artesãs.

Diante da problemática da situação das mulheres rendeiras do Pontal da Barra, o trabalho presente, traz para a transcrição e análise de uma entrevista, com uma rendeira, assim, corroborando para um maior entendimento da situação pandêmica e como as mulheres do Pontal estão se reinventando, e as suas vivencias pessoais na construção do perfil de uma figura feminina rendeira.

Transcrição da entrevista 1:

Entrevistadora: Dona Maria, como o filé surgiu na vida da senhora?

Entrevistada: Olha eu via o povo fazendo, achava bonito ai falei com a minha mãe, mãe me ensina a fazer filé, ai ela disse eu não tenho paciência não, ai eu disse ta

certo, ai fui no maré pedi a dona Neide uma rede ai ela me deu, espichei e comecei a fazer a doidiçe e até hoje.

Entrevistadora: A senhora encontrou dificuldades quando começou a fazer o file ou não?

Entrevistada: como assim?

Entrevistadora: As linhas são caras?

Entrevistada: Mais rapaz, no começo não era não, mais agora ta uma tristeza

Entrevistadora: Qual o tipo de material que é utilizado para fazer o file dona Maria?

Entrevistada: É a rede e a linha, a linha anne e a rede.

Entrevistadora: A senhora tem dificuldades pra vender o artesanato

Entrevistada: Tem, que a gente vai numa loja, pede um tanto e não querem, vai pra outra e não querem, agora eu to fazendo meus vestidinhos e a Patrícia ta levando pro Hotel, pra vender no hotel.

Entrevistadora: A renda do file, não só agora contribuiu para senhora criar os filhos da Senhora?

Entrevistada: Não, eu criei meus filhos com lavado de roupa, o filé não era tanto, era o lavado de roupa, eu fazia mais não era tanto pra criar meus filhos.

Entrevistadora: Dona Maria atualmente a senhora mora com quem?

Entrevistada: Aqui, eu o Jorge meu filho e (som inaudível)

Entrevistadora: Dona Maria o artesanato a gente sabe que vai pra fora, o que a senhora faz, a senhora consegue mandar para outros cantos?

Entrevistada: Eu vendo façam o que quiser, eu não entendo disso, agora quando eu vendo, já vendo menos do que eu peço pra não ficar perdido. Ali tem até uma blusinha que a mulher mandou eu vender, já bati tudo e não achei a mulher, eu entendi ela dizer que trabalhava no posto e fui La e ela não tava mais, você que ver?

Entrevistadora: Dona Maria com quantos anos a senhora começou a fazer o filé

Entrevistada: 11 anos

Entrevistadora: De La pra cá nunca parou

Entrevistada: Não, só paro quando não tenho rede e nem linhas (risos)

Entrevistadora: Dona Maria eu ouvir falar que no filé existem vários pontos né, e que são várias linhas que usa para fazer o filé, quais são os modelos de linhas que são utilizados para fazer o filé

Entrevistada: a linha que é usada só a anne, tem a Santa Clara, mais eu costume mais com a anne

Entrevistadora: Dona Maria esse mesmo modelo, não a linha é o mesmo modelo que é utilizado nas redes dos pescadores

Entrevistada: Não, é diferente a do pescador é náilon.

Entrevistadora: Dona Maria quanto em material, em real, quanto a senhora gasta, quanto custa os novelos de linha?

Entrevistada: 15 reais, um novelo de linha, era não sei se ainda é esse preço.

Entrevistadora: Tem diferença de preço, porque tem novelo que é brilhante diferente um do outro não é dona Maria?

Entrevistada: ali é fita, é mais barato, agora não sei quanto

Entrevistadora: Por quanto a senhora vende uma peça que a senhora produz dona Maria?

Entrevistada: vestido, eu peço 50 reais mais não chega a isso, a Patrícia vende por 50 no hotel, mais aqui é 40 ou 35 reais

Entrevistadora: Isso um vestidinho pequeno dona Maria

Entrevistada: é sim

Entrevistadora: Se a senhora for fazer uma blusa grande g ou gg quanto a quantos novelos de linhas a senhora utiliza?

Entrevistada: Vixe Maria, dois novelos de linhas nessa faixa

Entrevistadora: Quanto que é cobrado pra fazer uma blusa assim grande?

Entrevistada: Eu nunca fiz não

Entrevistadora: Mais se for uma peça maior que o vestido, quanto seria mais ou menos uma blusa pra adulto?

Entrevistada: Eu não me lembro não, eu fiz ta com muito tempo mais é caro minha filha, eu to fazendo mais agora vestido, eu to fazendo essa ai porque a rede a sol me deu, ai pra não jogar fora eu to fazendo, dessa ai se eu for vender é 30, não querem dar mais que isso.

Entrevistadora: Nessas lojas aqui do pontal se paga por esses preços?

Entrevistada: quem paga, elas? Sim as vezes paga as vezes não

Entrevistadora: Então compensa levar pra o hotel pra vender não é dona Maria?

Entrevistada: é, eu Dou a minha sobrinha e ela leva.

Entrevistadora: Dona Maria eu queria agradecer a senhora por essa entrevista, muito grata.

Na entrevista, a artesã expõe outro questionamento, a mão de obra delas são vendidas por um preço irrisório, para as donas das lojas do Pontal, essas já conseguem ter lucro em cima da compra com as rendeiras. Interessante analisar que algumas rendeiras não são proprietárias da loja, apenas vendem mão de obra. Mas algumas lojas de artesanato do bairro, as rendeiras são donas do estabelecimento.

Imagem 18: Rendeira fazendo o Filé



Rendeira fazendo o Filé. Fonte: Acervo pessoal

A entrevistada artesã, também relata que a produção das peças não era a renda exclusiva da sua família, era apenas um auxílio. Mas em alguns casos, existem sim, algumas rendeiras que conseguiram tirar toda o sustento da sua família na produção do artesanato.

Imagem 19: Rendeira



Rendeira com a sua peça de Filó finalizada. Fonte: Acervo pessoal.

Transcrição da Entrevista 2:

Entrevistadora: dona Renata qual o nome da senhora completo?

Entrevistada :Renata Morgana dos Santos silva

Entrevistadora :Qual o dia do nascimento da senhora?

Entrevistada: 13/02/1989

Entrevistadora: a senhora mora com quem?

Entrevistada: moro com meus dois filhos e meu Marido

Entrevistadora: com quantos anos a senhora começou a fazer o filé?

Entrevistada: olha não lembro bem a idade mais acho que foi entre 12 e 13 anos, eu levei muito grito para poder aprender (risos)

Com quem a senhora aprendeu a fazer o filé?

Olha eu aprendi com minha Avó mais eu demorei um pouco pra aprender, mais a minha Avó teve foi muita paciência pra ensinar e ate hoje eu sei fazer, porque se eu fosse depender da minha Mãe não ia aprender, ela não tinha jeito de ensinar (risos)

Alem do filé a senhora tem outra fonte de renda?

Olha no momento não, meu marido trabalha e eu faço file pra ajudar também, eu sempre trabalhei fora, e fazia file em casa, mais no momento eu só faço o filé.

Qual material a senhora usa para fazer o filé? Olha a gente precisa do tear, as linhas e uma agulha

Dona Renata qual o preço das peças que a senhora faz?

Olha depende muito, uma blusa sem mangas eu cobro 70 reais, mais se for uma com manga eu vou cobrar 150 reais, porque pensa em algo pra dar trabalho pra fazer, e sem falar que as linhas são caras

Qual o preço dessa linhas?

Olha essa linhas estão custando 15 reais o novelo, ta cara demais

Quais as linhas que a senhora usa?

Eu uso muito a linha Anne, mais também tem a Santa Clara, eu gosto prefiro a Anne

A senhora vende aqui no Pontal mesmo essa blusas?

Olha aqui também, mais eu faço mais pra encomenda pra outros bairros, eu prefiro vender pra fora, porque aqui no Pontal quase todo mundo sabe fazer, e aqui o povo que pagar pouco, não sabem o trabalho que é fazer (risos) eu também dou a minha irmã pra ela vede no trabalho e ela consegue vender la e me ajudar.

É possível ver que essas peças de filé a maioria á colorida, a senhora também faz em uma única cor?

Faço, agora é mais difícil, as vezes a única cor que eu faço é o branco, mais é bem mais da metade as peças coloridas.

Dona Renata muito obrigada por ter concedido essa entrevista

Eu que agradeço, é bom falar sobre a nossa origem, sobre o nosso filé.

Muito obrigada mesmo, agradecida Renata

5- CONCLUSÃO:

A construção do trabalho foi desafiante, neta de rendeira, sempre tive um olhar carinhoso para tal ofício. O trabalho das mulheres do Pontal da Barra resgata memórias afetivas minhas, mas com responsabilidade acadêmica, consegui trazer cientificidade para a narrativa.

A ligação do artesanato com a pesca no Pontal da Barra é algo bem característico da comunidade, deste a utilização das redes para a criação do Filé até as relações dos pescadores, com as rendeiras. O papel do homem e da mulher, e a sua representação. O homem da pesca; a mulher, do artesanato. Mas a contemporaneidade surpreendeu, é fácil encontrar alguns homens fazendo bordado e filé no Pontal da Barra atualmente.

Acredito que deveria ter algo mais efetivo e com maior destaque no Bairro do Pontal, atraindo uma maior atenção dos turistas e visitantes. O Estado, ONGs, empresas privadas em união criar uma rede de proteção e desenvolvimento. Em 2010, a empresa Braskem, dava auxílio as rendeiras, a Universidade Federal de Alagoas, também tem um projeto de uma escola de Músicas, que visa descobrir talentos. Mas, faço referência de um projeto, que consiga alcançar mais visibilidade, dando o justo merecimento que o local merece, devido não apenas a fatores geológicos, ficando entre a praia do Sobral, a Lagoa Mundaú e Manguaba, também manifestações culturais.

Além das rendeiras, o Portal da Barra também é conhecido por suas manifestações folclóricas. O Fandango do Pontal da Barra é conhecido na região e recebe muitos convites para cantar e dançar nas festas dos padroeiros da Igreja Católica. Atualmente, foi construindo na praça do Pontal, um palanque, em forma de barca, que serve para as apresentações de Fandango.

Vale ressaltar que o Filé também é produzido por mulheres em Marechal Deodoro, ganhando espaço para o turismo da região. Algumas barracas de vendas no Pontal da Barra, na era digital, estão com redes sociais, que consegue divulgar o seu trabalho.

Os moradores do Pontal dizem que o Pontal é uma cidade dentro de Maceió, devido as características de cidade do interior, as ruas curtas, as casas simples, os moradores na calçada. É fácil encontrar as rendeiras fazendo Filé e outros bordados em suas portas. O ambiente remete a simplicidade do interior.

Fazer um trabalho que tem como um dos pilares, a importância da figura feminina, para a construção do Pontal da Barra, é um resgate histórico das raízes desse lugar. Me sinto pertencente ao local, e um sujeito incluso nessa trajetória. Recordo a importância da Teka, para a comunidade das rendeiras, musa de Martinho da vila, que faleceu esse ano, vítima de câncer. Infelizmente, não consegui fazer uma entrevista com ela, mas lembro feliz de ser de uma geração de mulheres do Pontal da Barra, que viveu o mesmo tempo que ela.

O trabalho seja uma contribuição acadêmica, mas que também possa ultrapassar os muros da universidade e chegar na sociedade, principalmente, na comunidade do Pontal, que algumas mulheres rendeiras se vejam nessa narrativa, de maneira digna.

Finalizo, com a gratidão para Teka rendeira, musa de Paulinho da Vila, que faleceu em 18 de Março de 2021, vítima de um câncer. As minhas sinceras condolências a toda a comunidade artesã de Alagoas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALVES. Virginia Bárbara de Aguiar. **O Filé: arte e cultura no Pontal da Barra em Maceió (Brasil) e em Margarida (Felgueiras-Portugal), coleta de informações e preservação da memória.** 2014

ARÓSTEGUI, Julio. **A pesquisa histórica: Teoria e Método.** Bauru, SP: Edusc, 2006.

ARTESANATO DE ALAGOAS [Em linha. Maceió: Topgyn. (Consult. 27 mar. 2012). Disponível em: www.topgyn.com.br Acesso: 20.05.2020

BURKE. Peter (ORG). **A Escrita da História: Novas Perspectivas.** 2ed. São Paulo: ED. UNESP, 1992.

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou ofício de historiador.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BRANDÃO, Moreno. **História de Alagoas.** Arapiraca: Edual, 2004.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Exposição do Folclore Alagoano.** Maceió: MEC; FUNARTE; INF, 1982.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Fundação Nacional de Arte 2012 Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular (CNFCP): **Rendeiras de Riacho Doce.** Rio de Janeiro: FUNARTE/CNFCP., 2002.

CODÁ. Rita. **Pontal da Barra, nossa terra e nossa gente.** Rio de Janeiro: H.P Comunicação Editora, 2015.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano.** Petrópolis: Vozes, 2 volumes, 1994.

FERRARE, Josemary . **Marechal Deodoro: um itinerário de referências culturais.** Maceió: Edições Catavento. 2002.

FILE ALAGOANO. **Filé alagoano já ocupa mais da metade dos artesãos de Alagoas e terá selo de origem.** Maceió; Agencias Alagoas. (Consult. 26 mar 2012) Disponível em: www.agenciasalagoas.com.br . Acesso em: 30.08.2019

FILE ALAGOANO. **Filé alagoano mantém 70% dos artesãos.** Maceió: SEBRAE. (Consult. 26. mar. 2012) Disponível em: <http://www.sebrae.com.br>. Acesso: 15.10.2019

GINZBURG, Carlo. **Mitos, Emblemas & Sinais.** São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GONGALVES. Vanessa Maria de Melo. **Identidade no espaço urbano: Descortinando a identidade na Bacia do Pontal da Barra em Maceió- AL, Portugal,** 2010.

LE GOFF, Jacques. **História e memória.** Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990.

LIMA, José Roberto dos Santos. A origem de Maceió e a sua transformação em capital. Maceio,UFAL (1998)

LINDOSO, Dirceu. **Formação da Alagoas Boreal**. Maceió: Catavento, 2000.

MELO, Marcia de Barros. **A Cultura do pescador em Alagoas**. Maceió, departamento de assistência cultural, Secretaria de Educação e Cultura (1984)

NUNES, Soraia Maria da Silva Nunes. **O pescador do Pontal da Barra**. Maceió, 1999

TORRES, Maria Amélia Moreira. **A comunidade artesã no Pontal da Barra**, Maceió, 2003

ROCHA, José Maria Tenório. **Arte/artesanato de Alagoas**. Maceió. Secretaria de Educação e Cultura

SANTOS, Josenildo Nines dos. **Visão Panorâmica do Artesanato Folclórico: A renda do Filé do Pontal da Barra**. Maceió, UFAL (1998)

SILVA, Marcia Alves. **Abordagem sobre o trabalho artesanal em História de vida de mulheres**. Educar em Revista, Curitiba, Brasil, n. 55, p. 247-260, jan./mar. 2015

VAINFAS, Ronaldo. **Os protagonistas anônimos da História: Micro- História**. Rio de Janeiro, Campus, 2002

Sites:

<https://www.historiadealagoas.com.br/pontal-da-barra-a-antiga-vila-de-sao-pedro.html>

<http://www.viagensemfoco.com/turistando-em-maceio-bairro-pontal-da-barra/>

<https://ibge.gov.br/>.

<https://www.facebook.com/BordadoDoPontalDaBarra/photos/>

https://www.artesol.org.br/instituto_do_bordado_de_file_inbordal

<https://br.pinterest.com/pin/266416134184380704/>

<https://br.pinterest.com/pin/2251868548075892/>

<https://www.facebook.com/BordadoDoPontalDaBarra>

http://www.casaruibarbosa.gov.br/escritos/numero01/FCRB_Escritos_1_7_Cecilia_Londres.pdf

<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/218>

<https://www.artesol.org.br/conteudos/visualizar/O-artesanato-o-uso-e-a-contemplacao-por-Octavio-Paz>

ANEXOS:

ENTREVISTA COM O IDEALIZADOR DO PROJETO SOCIAL NO PONTA, ESCOLINHA DE FUTEBOL RR

- 1- Como surgiu o projeto?
- 2- Em que ano?
- 3- E qual o intuito inicial para a elaboração do Projeto?
- 4- Qual o público alvo dos participantes do projeto? Apenas filhos das senhoras da Associação?
- 5- Como funciona o Projeto? Dinâmica? Vivencia? Organização?
- 6- Qual sua relação com as rendeiras?
- 7- O senhor é filho de artesã?
- 8- Precisa pagar alguma taxa para participar do projeto?
- 9- Qual é o perfil dos participantes?
- 10- Qual a faixa etária dos participantes?
- 11- Qual a relação do projeto com a comunidade do Pontal da Barra?
- 12- O projeto foi bem aceito por todos da comunidade?
- 13- Quais as dificuldades diárias vivenciadas por vocês?
- 14- O que ao seu olhar, precisa ser mudado, para a melhoria do projeto?
- 15- Quais os benefícios que o projeto teve para os participantes e para a comunidade do Pontal?
- 16- O projeto tem alguma temática de assistencialismo?
- 17- Qual o grande intuito social do projeto?
- 18- O que mudou no Pontal da Barra com o projeto?

- 19- O projeto recebe alguma ajuda do governo? Justifique.
- 20- O projeto já procurou parcerias com instituições governamentais e não governamentais. Justifique:
- 21- Quais os objetivos que o projeto pretende alcançar?
- 22- Qual o fluxo de entrada e saída de participantes?
- 23- Qual o papel da Associação perante o projeto?
- 24- Qual a visão dos participantes do projeto para a Associação?
- 25- O projeto, tem uma diretoria? Caso tiver, como é formada?
- 26- O projeto tem algum documento que certifique sua existência?
- 27- O que mudou do início do projeto até os dias atuais na comunidade? Por que?
- 28- Existe alguma ajuda financeira para os participantes do projeto, que estão em situação de marginalidade?
- 29- O senhor tem como fazer um simples panorama, sobre a violência do local e a sua diminuição com a chegada do projeto?
- 30- O senhor percebeu mudanças no perfil dos participantes com a chegada do projeto no Pontal da Barra?
- 31- Além das atividades do próprio projeto, existem atividades extras inseridas?
- 32- O projeto conseguiu abarcar todas as expectativas da sua ideia inicial?
- 33- Quais os conflitos existentes dentro do projeto, no quesito relações pessoais?
- 34- Em algum momento o projeto ia chegando ao seu término? Se sim, fale o porquê?
- 35- Por fim, argumente sobre o projeto, seus sonhos e dificuldades, tendo como pano de fundo, o Pontal da Barra:

Respostas da entrevista:

- 1- Rodrigo Wiliam Oliveira dos Santos, sou nascido no bairro do Pontal da Barra, aqui em Maceió, Alagoas.
- 2- O projeto surgiu de acordo com o legado do professor Jorge Mario que ele trabalhou muito com crianças não só como outros outros adultos aqui do Pontal que sempre trabalhou o esporte mais assim com o professor Jorge Mario que foi ele trouxe esse esporte, a modalidade de futebol de areia é o bigsota para o Pontal em 2007 quando ele faleceu aí a gente viu a necessidade de dá continuidade a esse legado, ao projeto aí a gente continuou eu e Renato, que é o projeto RR Rodrigo Rodrigo o R azul é csa e o R vermelho é de Renato porque o Renato é regatiano
- 3- Esse projeto surgiu em 2010 só que quando agente foi fundar ele mesmo e registrar foi em 2011
- 4- O intuito da gente inicial assim foi mais a carência né por agente ter muitas crianças e devido a idade do projeto já estão adultas né graças a Deus com família tudo formado o intuito do projeto foi justamente esse ver ociosidade no bairro do Portal da Barra que estava precisando justamente a parte da noite que tava muito necessitado de alguma atividade
- 5- O projeto funciona ele assim a gente atende as crianças de segunda e quarta feiras no período da noite de 18 as 20 horas por causa de questão do horário das aulas deles porque tem outros que estudam de manhã outros a tarde e a gente faz a noite que é para a tender a tidos e justamente nas férias no período de dezembro a janeiro a gente faz um trabalho a tarde que pega eles de férias no período de 15 horas da tarde.
- 6- A relação com as rendeiras é assim indiretamente a gente é participa né porque tem muitos filhos delas aqui na escolinha que são filhos de rendeiras eu sou filho de rendeira também, a minha mãe faz filé a minha mãe é costureira somos filhos de pescadores também que o bairro do Pontal é muito forte na parte do pescado também aí a relação é boa a relação é forte
- 7- Não a escolinha é 100% gratuito tudo que a gente arruma é em prol da escolinha a gente não paga nada certo até quanto a gente fundou o projeto agente conseguiu calção camisa uma bolsinha a gente até cobrou o valor simbólico do material até para poder valorizar foi o valor de não sei se foi 10 ou foi 15 reais mas depois a

gente viu que não ia dá vencimento por conta da maioria ser ser ser de família de baixa renda aí a gente não cobrou mais

- 8- O perfil dos garotos assim vamos falar mais da idade é assim de 5 até 12 13 anos d pedendo da estrutura corporal a gente bota até de 14 15 anos entendeu tem garoto de 4 anos que tem a estrutura de 5 6 anos aí joga o intuito do projeto é trabalhar mais o social a gente não visa muito aqui o sub 5 sub 10 sub 12 para que eles vão lá fazer a escolinha para disputar a competição agente faz o projeto com intuito social certo se se vim sair algum jogador futuro parabéns né vai ser uma alegria maior mas o intuito do projeto é isso é a formação social independentemente da idade de tudo se souber jogar direito e não souber o intuito é o social
- 9- A Relação do projeto com a comunidade é ótima até pela interação graças a Deus a Escolinha RR vamos fazer 8 anos né a gente tem a relação com a comunidade que a gente é bem aceito, eu e Renato a gente procura sempre trabalhar não só a questão do futebol mas a educação toda vez antes da da escolinha do treino começar a gente fala com eles da importância do respeito para um com o outro a questão da preservação do local que a gente sabe que é difícil entendeu a gente tenta fazer o legal aí com eles.
- 10- As dificuldades que a gente vivencia é mais questão de apoio né o apoio é só é só eu e renato e agora a gente tá com o nosso amigo eloí né e ele é um garoto novo joga no time da gente daqui da comunidade Novo Horizonte eloí é um atleta profissional de futebol então quando ele ta nas horas vagas dele ele dá uma ajuda e uma ajuda de grande valia
- 11- O que a gente precisa para melhorar o projeto é mais questão assim no um ver é uma presença dos pais a gente ver que os pais deixam os garotos vim e tal mas a gente não ver eles presentes para ver a evolução da criança porque aqui no projeto a gente dá uma certa rigorosidade eu mesmo sou rigoroso na questão da educação então eu aqui sou rigoroso na educação eu acho que em casa a gente tem que ser forte também entendeu aqui a gente precisa muito da presença dos pais entendeu e mais garotos apesar de ter mais de 70 mais a gente se puder vim mais vem mais que aqui para a gente não tem problema não que a gente quer que nenhum fique ocioso em casa para não ter outros caminhos
- 12- Os benefícios agora a gente colhe os frutos recentemente agora novo horizonte foi campeão alagoano tem um garoto de 19 anos agora que é o mateus tem o eltom também apesar da idade do eltom ser de 23 24 anos mas ele também foi aluno aqui

da escolinha tem o klebsom o famoso pica pau já foi eleito 3 vezes o melhor de Alagoas é do projeto entendeu tudo aí não é importante mas é assim uma grande valia para o projeto né para a comunidade dentro de Alagoas

- 13- Ah mudou bastante aqui no Pontal da Barra a gente que de vez em quando aparece uns projetos assim pontuais e o projeto da gente não é pontual o principal ponto nosso que o projeto é continuo aparece uns projetos a noite aí trabalha um dois meses e para e se Deus permitir quando tiver saúde a gente vai permanecer até quando dê
- 14- O fluxo de entrada tem mais entrada que saída graças a Deus mas assim a questão que mais a gente presa e os país apesar também que eu falei que eles não comparecem mas eles sabem que a criança vou mal na escola tiver com notas vermelhas se tiver arengando se tiver brigando ele automaticamente da escolinha ele está suspenso até melhorar entendeu então essa é uma das coisas que a gente gosta né
- 15- É ajuda assim de associação deste que a época que a gente fundou já foram uns 4 5 presidentes aí ajuda não é o que a gente esperava né mas também a a gente não pode reclamar que de vez em quando a iluminação aqui tá ruim e quando a gente enquanto projeto não consegue a gente corre a eles e eles vão lá que tem mais entrada como a associação tem mais entradas na secretaria tentar ajeitar é parceria assim normal poderia ser melhor né mas não tenho nada a reclamar não
- 16- O projeto na verdade é formado por dois Rodrigo e Renato rr mas quando a gente fundou na época a gente fez estatuto ata a gente fez uma diretoria a diretoria era mais família até assim para fundar é eu e renato porque a escolinha é um projeto sem fundos lucrativos no estatuto na ata vem dizendo que são sem fim lucrativos e a gente para ter sequência a gente tinha que ter verba a gente tinha que pagar taxa de prefeitura taxa disso taxa de aquilo outro e como agente é um projeto sem fim lucrativo não tem como arcar aí ficou eu e renato mesmo
- 17- A diminuição graças a Deus assim no Pontal da Barra por si só é um bairro que ele não tem muito índice de violência né subiu um pouco a questão da troca mas o índice de violência é baixo falando assim o índice de drogas a gente com esse projeto contribuiu bastante por que por que esse projeto esse ponto onde a gente treina é um é uma parte assim, onde a galera procura muito é perto de morro mato é escuro de vez em quando a gente chega aqui no projeto tem dois ou três querendo usar drogas as vezes os meninos estão jogando a gente chega perto não vai chegar

mandando mas a gente pede e tal com jeitinho tem também a gente tem que ser desenrolado não pode pegar com esse tipo de pessoa que a gente não sabe o dia de amanhã mas agente tenta sempre fazer o nosso melhor mas eu acho assim que o povo do Pontal o bairro do pontal já foi melhor em relação a droga

- 18- Percebemos bastante hoje em dia os meninos tem sempre alegria de vim participar de projetos quando a gente passa na rua os pais agradece bastante pelo comportamento deles
- 19- Não espero que não rararara espero que não que tenho saúde para dá e vendar até o resto de nossas vidas
- 20- Meu sonho é que um dia o Pontal da Barra por completo abrace não é porque o projeto é meu ou de Renato rr é um projeto do Pontal quando a gente viaja o Brasil para disputar competições viaja o Brasil para disputar competições o rr é muito visado porque pelo trabalho social que a gente sai pela a pela a divulgação que a gente faz os nomes que a gente mostra os garotos que se revelam isso é muito gratificante espero assim que ele continue e e com bastante tempo que a gente vai se dedicar bastante pare ele

ANEXOS:

Tabela 3175 - População residente, por cor ou raça, segundo a situação do domicílio, o sexo e a idade	
Variável - População residente (Pessoas)	
Bairro - Pontal da Barra - Maceió (AL)	
Sexo - Total	
Idade - Total	
Ano - 2010	
Cor ou raça - Total	
Situação do domicílio - Total	
	2.478
Fonte: IBGE - Censo Demográfico	

Notas
1 - Dados do Universo.

Tabela 3175 - População residente, por cor ou raça, segundo a situação do domicílio, o sexo e a idade

Variável - População residente (Pessoas)			
Bairro - Pontal da Barra - Maceió (AL)			
Sexo - Total			
Idade - Total			
Ano - 2010			
Situação do domicílio - Total			
Cor ou raça			
Total	Branca	Preta	Parda
2.478	965	90	1.396
Fonte: IBGE - Censo Demográfico			

Notas

1 - Dados do Universo.

Tabela 3175 - População residente, por cor ou raça, segundo a situação do domicílio, o sexo e a idade

Variável - População residente (Pessoas)	
Bairro - Pontal da Barra - Maceió (AL)	
Idade - Total	
Ano - 2010	
Cor ou raça - Total	
Situação do domicílio - Total	
Sexo	
Total	2.478
Homens	1.183
Mulheres	1.295
Fonte: IBGE - Censo Demográfico	

Notas

1 - Dados do Universo.

Tabela 3175 - População residente, por cor ou raça, segundo a situação do domicílio, o sexo e a idade

Variável - População residente (Pessoas)	
Bairro - Pontal da Barra - Maceió (AL)	
Sexo - Total	
Ano - 2010	
Cor ou raça - Total	
Situação do domicílio - Total	
Idade	
Total	2.478
0 a 4 anos	200
5 a 9 anos	157
10 a 14 anos	222
15 a 19 anos	219
20 a 24 anos	233
25 a 29 anos	225
30 a 34 anos	214
35 a 39 anos	228
40 a 44 anos	194
45 a 49 anos	133
50 a 54 anos	118
55 a 59 anos	103
60 a 69 anos	131
70 anos ou mais	101
Fonte: IBGE - Censo Demográfico	

Notas

1 - Dados do Universo.

Tabela 1379 - Pessoas de 5 anos ou mais de idade, total e as alfabetizadas, por cor ou raça, segundo a situação do domicílio e a idade		
Variável - Pessoas de 5 anos ou mais de idade - percentual do total geral		
Bairro - Pontal da Barra - Maceió (AL)		
Situação do domicílio - Total		
Idade - Total		
Ano - 2010		
Cor ou raça - Total		
Alfabetização		
Total	Alfabetizadas	Não alfabetizadas
100,00	92,10	7,90
Fonte: IBGE - Censo Demográfico		

Notas
1 - Dados do Universo.

Tabela 1379 - Pessoas de 5 anos ou mais de idade, total e as alfabetizadas, por cor ou raça, segundo a situação do domicílio e a idade

Variável - Pessoas de 5 anos ou mais de idade (Pessoas)	
Bairro - Pontal da Barra - Maceió (AL)	
Situação do domicílio - Total	
Ano - 2010	
Cor ou raça - Total	
Alfabetização - Não alfabetizadas	
Idade	
Total	180
5 ou 6 anos	31
7 a 9 anos	15
10 a 14 anos	2
15 a 19 anos	2
20 a 24 anos	1
25 a 29 anos	3
30 a 34 anos	5
35 a 39 anos	21
40 a 44 anos	15
45 a 49 anos	11
50 a 54 anos	7
55 a 59 anos	16
60 a 64 anos	18
65 a 69 anos	7
70 anos ou mais	26
Fonte: IBGE - Censo Demográfico	

Notas

1 - Dados do Universo.

Tabela 3268 - Domicílios particulares permanentes, por classes de rendimento nominal mensal domiciliar

Variável - Domicílios particulares permanentes (Unidades)						
Bairro - Pontal da Barra - Maceió (AL)						
Ano - 2010						
Classes de rendimento nominal mensal domiciliar						
Até 1/2 salário mínimo	Mais de 1/2 a 1 salário mínimo	Mais de 1 a 2 salários mínimos	Mais de 2 a 5 salários mínimos	Mais de 5 a 10 salários mínimos	Mais de 10 a 20 salários mínimos	Mais de 20 salários mínimos
19	111	206	257	86	18	4
Fonte: IBGE - Censo Demográfico						

Notas

1 - Os dados são do Universo.

2 - A categoria **Sem rendimento** inclui os domicílios com **rendimento mensal domiciliar** somente em benefícios.

3 - Salário mínimo utilizado: R\$ 510,00.